

JOSÉ MANUEL MARTINS FERREIRA

josemmf@gmail.com

REPRESENTANTE DA PRÓ-ASSOCIAÇÃO DE CARTOFILIA / FACULDADE
DE ENGENHARIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO

PORQUE GOSTAMOS DE BILHETES- POSTAIS ILUSTRADOS?

“Toda a paixão está próxima do caos, mas a de coleccionar confina com o das recordações”. (Walter Benjamin, 2004)

“Vão-se tornando funestos
Tantos bilhetes postais
A pedir – muito modestos: -
‘Um Bom dito, um Pensamento,
Um Soneto e... Nada mais?’
Irra... com tantos Postais”

Bulhão Pato, *Almanaque das Senhoras para 1906* (citado na revista *O Postal*, Junho de 1905)

INTRODUÇÃO²

A cartomania, cartofilia, ou mesmo filocartomania (como sugeria em 1905 o diretor do Portugal Cartophilic and Philatelic), começou entre nós por finais do século XIX, como um *sport* intelectual da sociedade elegante, e converteu-se rapidamente num passatempo de massas – o colecionismo de bilhetes-postais ilustrados. Este trabalho apresenta as razões subjacentes a estas coleções, desde os primeiros anos, no final do século XIX, até aos dias de hoje. Começaremos pelas razões atuais, seguindo-se-lhes as que consideramos serem razões de sempre e terminando com as que acreditamos terem motivado os primeiros colecionadores. Para cada uma, são apresentados exemplos de postais que sustentam a visão proposta.

¹ *O Postal – Revista mensal dos colecionadores portugueses de Bilhetes Postais Ilustrados*, Rua de Fernandes Tomás 40, Coimbra (junho 1905, folha espécimen, a n.os 8 e 9, fevereiro e março de 1906).

² Agradeço a António Mendes e a Arlindo Pereira, assim como aos meus amigos, Pedro Sá e Manuel Teles, a revisão cuidada do texto e as muitas sugestões que me foram dadas.

Encontram-se ao longo destas páginas algumas suposições e não poucas dúvidas, umas apresentadas explicitamente e outras deixadas à perspicácia do leitor.

As camadas mais ilustradas do nosso país começaram fazendo do bilhete postal ilustrado um novo *sport* e ei-lo que corre entre nós levando de um extremo a outro de Portugal os seus monumentos (...) que têm causado a admiração de quantos estrangeiros nos visitam (*O Postal*, junho de 1905³).

Antes de iniciarmos a apresentação das razões que propomos à consideração do leitor, é importante esclarecer o que entendemos por bilhete-postal ilustrado, no contexto deste trabalho. Infere-se do uso comum desta expressão que dedicaremos a nossa atenção aos postais ilustrados emitidos para circulação postal. Mas importa acrescentar que só nos interessarão os postais que foram produzidos por empresas, ou outras entidades privadas, até à década de 1930.

Gostamos hoje de bilhetes-postais ilustrados, por razões diferentes daquelas que deram origem à cartomania do começo do século XX. Sem dúvida, é hoje menor o número de colecionadores existentes, se o compararmos com aquele que existia há 100 anos. Por conveniência de exposição, começaremos da frente para trás, deixando para o fim as razões dos primeiros cartofilistas. A próxima secção sintetiza a visão do autor sobre a origem do colecionismo em geral e das coleções de bilhetes-postais ilustrados em particular. Passaremos, então, para a apresentação das razões atuais, a que se seguirão as razões de sempre e, para encerrar, aquelas que terão sido exclusivas dos primeiros colecionadores. Na conclusão apresentaremos algumas reflexões sobre a forma como o colecionismo de bilhetes-postais ilustrados evoluiu, desde o seu início até à atualidade. Para o leitor que esteja interessado em aprofundar alguma das questões apresentadas, incluiu-se no final um conjunto de referências bibliográficas e webliográficas.

ORIGEM DAS COLEÇÕES DE BILHETES-POSTAIS ILUSTRADOS

Tenho plena consciência – e é bom que o saibam – de que a revelação que vim fazendo do mundo mental implícito no acto de coleccionar reforçará em muitos de vós a convicção do carácter intempestivo desta paixão e a desconfiança em relação ao tipo humano do colecionador. Longe de mim querer abalar-vos nas vossas convicções e na vossa desconfiança. (Walter Benjamin, 2004)

3 *O Postal* – Revista mensal dos colecionadores portugueses de *Bilhetes Postais Ilustrados*, (junho 1905, folha espécimen, a n.os 8 e 9, fevereiro e março de 1906).

Poderá não ser surpresa para o leitor que o colecionismo seja visto com alguma reserva pelo autor deste trabalho, não tanto pela atividade em si, da qual resultam com frequência iniciativas meritórias no campo da preservação e divulgação do património cultural, mas antes pelos aspetos negativos que se lhe encontram por vezes associados (Herzinger, 1996). É conhecido que o impulso colecionista pode constituir a expressão de uma desordem obsessivo-compulsiva, se bem que uma coisa não implique a outra. Por outro lado, alguns colecionadores exibem comportamentos anti-sociais, que podem incluir egoísmo e atropelo de princípios éticos necessários à boa convivência, e que não são mais do que mecanismos necessários ao bom desempenho, num contexto de competitividade exacerbada pela escassez dos objetos a que dedicam atenção.

Em termos gerais, parece-nos claro que está subjacente a todas as coleções uma motivação comum, decorrente de necessidades inerentes à condição humana – a vontade de controlar o mundo (ou, se isso não for possível, de criar um mundo que possamos controlar), de possuímos uma quantidade de objetos de um ou mais tipos, que será tanto mais satisfatória quanto maior for o seu número, de suscitarmos admiração ou mesmo inveja pelos objetos que possuímos, etc. Tudo fatores de que ninguém, pelo menos em estado de plena sensatez, se orgulharia de incluir na sua ficha de apresentação pessoal... Um dos problemas associados à criação de coleções reside precisamente aí – na relativa ausência de sensatez que leva indivíduos, que no restante se podem considerar “normais”, a acumular uma quantidade absurda de pacotes de açúcar, caixas de fósforos, latas de refrigerante vazias, etc. Os Gato Fedorento caricaturaram esta situação num divertido *sketch* intitulado “Colecionando”, integrado na série *Tesourinhos deprimentes*, inspirado num programa com o mesmo nome emitido pela RTP em meados dos anos 1980⁴.

A criação de coleções como mecanismo de resposta a essas necessidades básicas da natureza humana começa normalmente de forma desordenada, através do ajuntamento de peças, a que achamos graça, ou que despertam o nosso interesse, por qualquer outra razão. É só quando a sua quantidade ultrapassa um determinado limiar que começamos a sentir o impulso de ordenar esse universo, convertendo o ajuntamento numa coleção. Em regra, quanto mais interessantes forem os artefactos da coleção, maior será a satisfação intelectual que dela advém e mais desculpável, se assim se pode dizer, será a irracionalidade de nos convertermos em seus

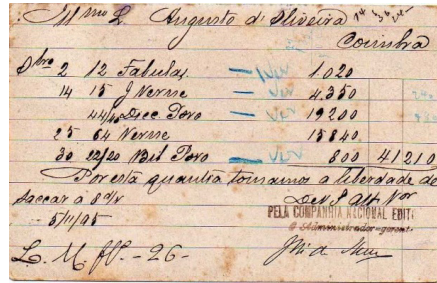
⁴ Retirado de <http://www.youtube.com/watch?v=LOUDGxpHVII>

guardiões. A irracionalidade a que nos referimos manifesta-se de várias formas, desde a invasão dos espaços domésticos até ao trabalho e recursos exigidos pela sua manutenção. Pior ainda, se nos tornarmos verdadeiramente especialistas numa dada temática e conseguirmos aumentar uma coleção a ponto de ficar quase completa, o nível de motivação começa a decrescer e tomamos consciência de que não estará longe o dia em que acordaremos sem interesse por ela e sem saber o que lhe fazer. É a irracionalidade no seu estado mais puro e o leitor, se já experimentou este caminho, sabe que corresponde à verdade; se não o experimentou, fica avisado e previna-se. Tome ainda nota que este bom conselho não lhe será apresentado segunda vez no decorrer deste trabalho e que, a partir de agora, não encontrará mais do que tentações e convites ao descaminho das suas finanças. Fim do “disclaimer”.

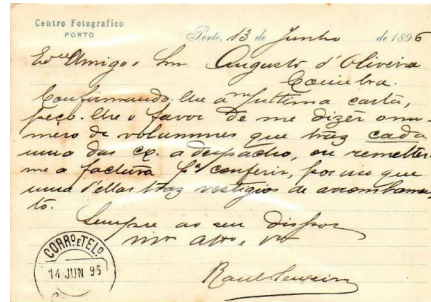
Do que lhe falaremos, portanto, é de coleções de bilhetes-postais ilustrados. Começaram como todas as outras, pelas razões que acabámos de dissecar, mas foram acompanhadas pela boa estrela de tomarem por base um objeto riquíssimo, sob o ponto de vista iconográfico, que é complementado por um largo conjunto de motivos de interesse adicionais, a que daremos atenção nas próximas secções. Para já, interessa-nos apenas apresentar ao leitor uma breve resenha histórica, que restringiremos à introdução dos bilhetes-postais ilustrados em Portugal e aos seus primeiros tipos. É comumente aceite que os postais passaram a circular entre nós em 1895, ano em que a Companhia Nacional Editora lançou um conjunto que apresenta a legenda impressa “Recordação de ...” (Porto, Coimbra, Lisboa). Trata-se de exemplares não muito diferentes dos que já há anos circulavam em vários países, com legendas semelhantes: “Souvenir de ...”, “Gruss aus...”, etc. É aliás desta última designação que decorre o nome por que os postais, e em particular os coloridos que se lhes seguiram, são conhecidos – postais do tipo “Gruss”.

O exemplo aqui apresentado (Figuras 1 e 2) é um dos primeiros bilhetes-postais ilustrados, que foram lançados em 1895 pela Companhia Nacional Editora, tendo ainda circulado com um selo D. Carlos, da autoria do artista Diogo Neto. A generalidade destes postais, bem como os que se lhes seguiram, até ao regicídio, circularam com os selos de D. Carlos, do tipo Mouchon, que iniciaram a circulação em novembro do mesmo ano e que encontraremos na maior parte dos postais apresentados neste trabalho. Estes primeiros bilhetes-postais ilustrados, do tipo Gruss, eram relativamente pobres sob o ponto de vista artístico, dado o reduzido número de cores e a simplicidade dos motivos ornamentais. Ainda nesse mesmo

ano de 1895 foram lançados postais doutros editores, com realce para os postais alusivos às comemorações do sétimo centenário do nascimento de Santo António (Sousa & Jacob, 1985).

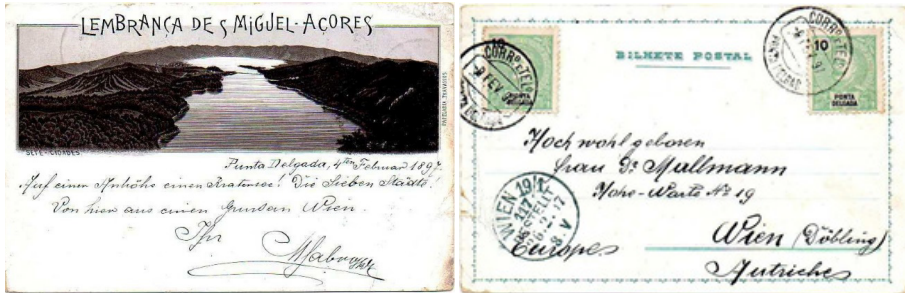


Figuras 1 e 2: Recordação do Porto – Vendadeira – Edifício da Bolsa. Editor: Companhia Nacional Editora. Verso não dividido, circulado em 05-11-1895



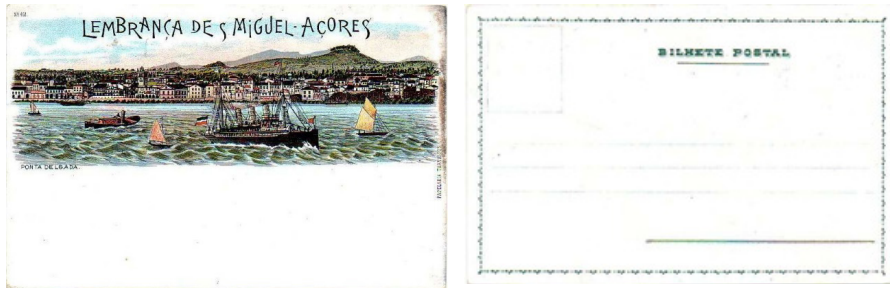
Figuras 3 e 4: Artigos para Fotografia – Centro Fotográfico – 139 Rua Sá da Bandeira, Porto. Editor: Centro Fotográfico do Porto. Verso não dividido, circulado em 14-06-1896

Os “incunábulo” desta época incluem alguns exemplares mandados fazer por casas comerciais, de que é exemplo o bilhete-postal ilustrado do Centro Fotográfico do Porto (Figuras 3 e 4), que aqui apresentamos aos leitores. Repare-se na riqueza dos motivos artísticos, que muito embelezam este postal, mesmo levando em conta que se trata duma emissão monocromática. A partir destas primeiras séries apareceram rapidamente bilhetes-postais ilustrados do tipo “Gruss”, com impressão a várias cores, que são tanto mais interessantes e importantes, quanto mais antiga for a sua data de circulação.



Figuras 5 e 6: Lembrança de S. Miguel – Açores
– Sete cidades. Editor: Papelaria Travassos. Verso
não dividido, circulado em 06-02-1897

O exemplo aqui apresentado (Figuras 5 e 6) foi editado pela Papelaria Travassos, de Ponta Delgada, e circulou em fevereiro de 1897. É já um verdadeiro postal do tipo “Gruss”, se bem que com um colorido ainda incipiente.



Figuras 7 e 8: Lembrança de S. Miguel – Açores – Ponta Delgada.
Editor: Papelaria Travassos. Verso não dividido, não circulado

A Papelaria Travassos atingiu um nível de perfeição muito avançado na produção destes postais, como podemos ver pelo “Gruss”, que representa a cidade de Ponta Delgada (Figuras 7 e 8). Trata-se já de um postal de grande beleza, ao qual a presença das embarcações, em primeiro plano, confere um interesse adicional, pelo conhecimento que nos oferece sobre os meios de transporte marítimo da época.



Figuras 9 e 10: “Souvenir” da Madeira – Teatro – Entrada do Funchal – Ribeira S. Luzia – Funchal – Bela Vista Hotel. Editor: Kunst Anstalt Rosenblatt Frankfurt a/M. Verso não dividido, circulado em 04-09-1897

A encerrar esta resenha sobre a introdução dos bilhetes-postais ilustrados em Portugal, apresentamos ao leitor um “Gruss” da Madeira (Figuras 9 e 10), que ilustra vários pontos da cidade do Funchal. Circulado igualmente em 1897, este postal apresenta um tipo de composição artística mais comum aos seus equivalentes alemães e franceses, a que não será com certeza alheia a origem estrangeira do editor. Naturalmente, foram também produzidos postais, do tipo “Gruss”, das principais cidades do continente, como adiante teremos oportunidade de ver. A partir daquele ano, começaram igualmente a surgir as vistas mais comuns, baseadas na reprodução de imagens fotográficas, a que é frequente dar-se a designação de *postais topográficos* e de que apresentaremos bastantes exemplos, no decorrer deste trabalho. Na verdade, nos 10 anos que decorreram ente 1895 e 1905 deu-se a introdução de quase tudo o que viremos a encontrar nos anos subsequentes. Este enquadramento sumário permite ao leitor compreender melhor o significado das seguintes palavras, apresentadas numa revista de colecionismo de bilhetes-postais ilustrados da época: “desde o bilhete-postal ilustrado, primitivo, reproduzindo na sua simplicidade natural a vista dum ponto conhecido, ou dum local memorável, até ao phocarte (bilhete-postal falante), nenhuma lacuna, vemos, que possa ser preenchida” (*O Postal*, agosto de 1905⁵).

⁵ *O Postal* – Revista mensal dos colecionadores portugueses de Bilhetes Postais Ilustrados, Junho 1905, folha espécimen, a n.os 8 e 9, fevereiro e março de 1906.

AS RAZÕES ACTUAIS

O mais profundo encantamento do coleccionador é o de fechar a peça individual num círculo mágico em que ela, enquanto é atravessada por um último calafrio – o da aquisição –, ficou petrificada. (Walter Benjamin, 2004)

Gostamos de bilhetes-postais ilustrados por razões que, na maioria dos casos, não motivaram os primeiros colecionadores. Os postais da época não lhes despertavam saudosismo e, em termos gerais, não representavam quaisquer transformações urbanas, sociais, ou doutro tipo. Não lhes diziam como os estrangeiros viam a nossa terra, nem levantavam o véu sobre as viagens que os portugueses realizavam pela Europa e pelo resto do mundo. Vamos ocupar-nos dessas e de outras razões neste capítulo, para depois olharmos para as razões de sempre e, por fim, para aquelas que só interessaram aos primeiros cartofilistas.

SAUDOSIMO

O sentimento a que damos a designação de *saudosismo*, à falta de melhor expressão, traduz uma limitação intrínseca da condição humana – tudo o que é físico é efémero e, como tal, tem um fim. Vivemos em permanente estado de expulsão da nossa zona de conforto, se assim lhe quisermos chamar; das memórias de infância, dos amigos da juventude, das ocupações profissionais por que vamos passando e do saber que vamos acumulando, cada vez mais em constante necessidade de atualização. Desta realidade decorre o impulso que despertou em muitos colecionadores a paixão pelos bilhetes-postais ilustrados, nascida tantas vezes do cruzamento, numa feira de antiguidades, com um postal que mostra uma parte da cidade muito diferente do seu aspeto atual, um acontecimento que marcou o curso da história, ou simplesmente hábitos de moda que parecem impensáveis à luz dos nossos dias. Já iremos debruçar-nos sobre essas transformações, que são razões por mérito próprio. Para além da curiosidade que elas nos despertam, existe no entanto uma outra razão, porventura mais forte, que confere um encanto muito particular aos bilhetes-postais ilustrados. Chamemos-lhe pois *saudosismo* e entendamo-la como um convite para regressarmos a uma zona de conforto comum, a um mundo em que o tempo nos parece ter decorrido mais devagar, onde todas as dores que a história recente nos reservava eram ainda desconhecidas. Não é um tipo de transformação que nos fascina, mas antes a evocação de uma espécie de

pureza original, da ingenuidade que essas mesmas transformações arredaram impiedosamente da nossa consciência coletiva.

A centenária revista portuense *O Tripeiro*, em novembro de 1948, reproduziu na sua habitual rubrica “Ainda se lembra?... Era no Porto e num lugar bem central...”, o postal n.º 358, do editor Arnaldo Soares, convidando os seus leitores a identificar o local retratado (Figuras 11 e 12).



Figuras 11 e 12: J.N.B. 358. Porto – Praça de Santa Teresa. Editor: Arnaldo Soares. Verso dividido, circulado em 22-05-1914

Apesar de àquela data já não existir a feira do pão, de a praça não manter o nome de Santa Teresa e de parte dos edifícios terem desaparecido, não faltou quem prontamente respondesse ao desafio, com uma riqueza de pormenores que ilustra bem o tipo de sentimento a que nos referimos. *Muitas e saudosas recordações o nosso último Ainda se lembra? – foi acordar!*, informava-nos a revista no seu número seguinte. Delicie-se o leitor conosco, visitando o que era a atual Praça Guilherme Gomes Fernandes, no centro do Porto, há mais de um século:

De J. A. Pires de Lima - Porto: “Bem me lembro, e que recordações eu tenho da Praça da Farinha, Feira do Pão, ou Praça de Santa Teresa (hoje Praça de Guilherme Gomes Fernandes)! Em frente está a antiga Fotografia União, mais tarde consultório do grande radiologista professor Roberto de Carvalho. Ao lado direito, o Ferro de engomar, miserável triângulo, que resta dum grande casa, que foi demolida para passar a Rua de D. Carlos (mais tarde de José Falcão). Ao lado direito, quem vinha dos Voluntários da Rainha, encontrava o restaurante do João do Buraco, onde a rapaziada tantas noites passava na estroinice... À esquerda havia uma farmácia (mais tarde Farmácia Cristo).

Dava lá consulta o dr. Coutinho, sogro do Campos Monteiro. Todas as tardes vinha para o seu consultório, montado a cavalo, de S. Mamede de Infesta, onde morava. Depois substituiu-o nessa consulta o meu falecido condiscípulo, colega e amigo dr. José Augusto Rodrigues, que algumas vezes me encarregou de ver ali os seus doentes. Parece que conheço ali todas as casas e até as pessoas, desde as desembaraçadas padeiras até ao sujeito que caminha em direcção ao leitor, de chapéu de coco na cabeça. Se ele trouxesse o costumado bengalão, havia de dizer que era o alegre estudante de medicina António de Almeida Trinta, que morreu director das Termas de S. Pedro do Sul...”

De João Moreira da Silva – Porto: “Lembra, sim senhor. A fotografia é da antiga Praça de Santa Teresa, a antiga Feira do Pão, dos meus tempos de petiz, e que é hoje a Praça de Guilherme Gomes Fernandes, homenagem ao grande bombeiro português que tão alto levantou o nome de Portugal em Congressos Internacionais... Lá estão as barracas onde se vendia todo o ano, pão de Valongo, fabricado com trigo da terra, moído nos velhos moinhos e com água também de Valongo, que o tornava muito saboroso, e era trazido diariamente para o Porto em burros com duas canastras abarrotadas deste tão útil alimento e com as vendedeiras encarrapitadas em cima e por isso se dizia quando a cilha da alimária se desapertava: – ‘Lá vai o burro com as canastras...’ Lá vejo, ao fundo, com o mastro para a bandeira nacional nos dias de Grande Gala, o edifício onde estava a Fotografia União, que era fornecedora da Casa Real, e onde me retratei em 1895, no dia da primeira comunhão... Abaixo, a casa da esquina da Rua D. Carlos, estreitíssima, que – dizem – foi construída para fazer pirraça ao vizinho, o que hoje já não seria possível... Ainda mais abaixo da antiga Rua de D. Carlos, o velho Café das Leiteiras, onde, por um vintém, tomavam uma caneca de café com leite e pão com manteiga... (havia de ser hoje!...). Ainda lorigo, nas primeiras barracas à esquerda, os célebres pães de Valongo, que custavam 75 reis e pesavam, salvo erro, meio quilo. Bons tempos!... O candeeiro do primeiro plano mostra a iluminação pública desse tempo, a gás, com o bico Auer que fez furor nessa ocasião (...).”

De Francisco Alexandre Ferreira – Tripeiro-Ramalheiro: “Sim, eu conheci-a, lá vivi uns dez anos, na Farmácia Costa, no n.º 39 (...). Era alegre, ruidosa, essa paniceira

Praça de Santa Teresa, mais tarde votada em consagração ao grande Guilherme Gomes Fernandes. Conheci-a aí por 1887 quando, agarrado às saias de minha mãe, por lá passava abeirado das típicas barracas a comprar o saboroso pão de Valongo, um por 30 reis, dois por 55, ou no dizer de então: meio e cinco; abençoado tempo! Tenho saudades dessa praça onde, desde manhã até à noite, se movimentava uma população heterogénea, onde se misturava o pé descalço com a opulenta dama tripeirinha, dessa praça onde, na Fotografia União, blasonando de o ser da Casa Real, se davam rendez-vous a melhor mocidade e a aristocracia cidadinas; dessa praça onde por cinco tostões eu jantei tantas vezes no Bastos, cuja casa me parece ainda lá estar, para melhor modificada (...).”

De Amadeu Cunha – Lisboa: “Se me lembro! Chamava-se o sítio, no meu tempo, Praça de Santa Teresa e Praça do Pão. Tenho o postal ilustrado que foi reproduzido na secção. Aquela figura do 1.º plano, sempre tive para mim que é o Rodrigo Solano. O poeta do Fumo lá vem, feito leitor-transeunte. Depois, aquela barba, aquele chapéu, aquele livro – um livro que bem poderia ter sido adquirido, naquele dia, na Livraria Moreira ou no Tavares Martins... (...).”

De Alexandre Van Zeller – Lisboa: “Se me lembro... É uma praça à esquina das Carmelitas, conhecida pela Praça do Pão. Ali existia a famosa casa do João do Buraco, onde à noite, quando o jantar na República era mais fraco (em especial no fim do mês), nós íamos saborear o belo bacalhau à moda da casa. (...).”

De José da Fonseca Menéres - Porto: “É a antiga Feira do Pão, depois Praça de Santa Teresa e mais tarde Praça de Guilherme Gomes Fernandes. Ao fundo lá está a Rua de D. Carlos e agora Rua de José Falcão e a casa esqueleto, que então ali se construiu para tirar a vista ao vizinho que não quis comprar a nesga entre a rua aberta e o seu terreno. Essa casa esqueleto que não tinha dois metros de fundo, foi felizmente demolida ainda não há muito tempo. E lá está, ao lado, a Casa (parece que ainda é da família do Barão de Fermil) onde o falecido dr. Roberto de Carvalho montou a sua grandiosa obra de radiografia, etc., e aonde há muitos anos e durante muito tempo esteve estabelecida a Fotografia União, de Fonseca e C.^a, que chegou a ser a primeira do Porto. Ainda me recordo dos seus ricos salões, luxuosamente decorados, onde pontificava Raul de

Caldevilla, menino e moço, recebendo com gentileza os seus visitantes e conseguindo com as suas maneiras afáveis e palavras convincentes, que tirassem as melhores e mais caras fotografias. (...)”

A torrente de comentários que esta imagem da feira do pão provocou ilustra bem que o saudosismo tem lugar próprio entre as razões que nos fazem gostar de bilhetes-postais ilustrados. Provada que está esta tese, por recurso a testemunhas insuspeitas (em 1948, o colecionismo de bilhetes-postais ilustrados, tal como hoje o conhecemos, seria praticamente inexistente), propomos ao leitor que faça o seu próprio juízo, tomando como base de reflexão o interessante postal a seguir reproduzido, que ilustra a praia do Ourigo na Foz do Douro (Figuras 13 e 14). Independentemente das transformações urbanas e sociais que este exemplar tão bem ilustra, será o leitor imune ao *charme* desta imagem, à ingenuidade sugerida pelo pudor quase infantil de se ir vestido para a praia, a toda a cerimónia social que esta forma de convívio permite intuir?



Figuras 13 e 14: Porto, Foz do Douro, Praia do Ourigo. Editor: Estrela Vermelha. Verso dividido, circulado em 2-2-1906. Nota: A substituição da designação impressa “Bilhete Postal”, no verso, pela designação manuscrita “Impresso”, é frequente nos postais da época e tinha por objetivo beneficiar da taxa aplicável a este tipo de correspondência, a que correspondia uma franquia de 10 reis, em vez dos 20 com que eram taxados os BPI

Por outros exemplares da mesma origem, que conhecemos, é de toda a justiça elogiarmos a Condessa de Vila Real e de Melo, que parece ter tido um apurado bom gosto para a escolha dos postais, que trocava com as suas correspondentes. A marca Estrela Vermelha, a que este bilhete-postal ilustrado pertence, foi objeto de um pedido de registo apresentado no final de 1904, de acordo com a documentação que nos foi dada a

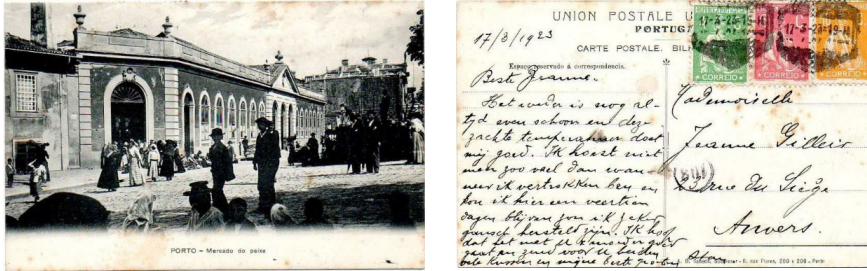
conhecer pelo Sr. António Mendes, do Porto, a quem muito agradecemos esta informação:

Carlos Pereira Cardoso, português, natural de Granja de Alijó, comerciante, estabelecido na Foz do Douro, requer em conformidade com a lei da propriedade industrial registo de uma marca que destina a ser aplicada a bilhetes-postais de seu comércio e cuja descrição é a seguinte: A marca consiste numa estrela de cinco bicos, tendo inferior a esta a palavra: Estrela. Junta 12 exemplares da marca. Junta procuração. Pede a Vossa Majestade a Graça de a mandar registar. E. R. M. Lisboa 12 de Dezembro de 1904.

Carlos Pereira Cardoso era também um fotógrafo com presença regular nas páginas da *Ilustração Portuguesa*, facto a que não será estranho o bom sucesso desta sua iniciativa, de que resultou um elevado número de belíssimos bilhetes-postais ilustrados do Porto e de outras localidades do norte do país, incluindo alguns exemplares dedicados aos usos e costumes das suas populações. O pedido que apresentou foi deferido em 10 de Junho de 1905 pelo Conselheiro Director Geral do Comércio e Indústria e permitiu a este editor aumentar significativamente a produção de bilhetes-postais ilustrados, que já realizava anteriormente a essa data sob a designação de “C. P. Cardoso”.

A TRANSFORMAÇÃO URBANA

A grande popularidade dos bilhetes-postais ilustrados fez com que inúmeras localidades, desde as grandes cidades às pequenas vilas, ficassem representadas nos clichés que ilustravam este tipo de postais. Se outras razões não existissem, a vasta iconografia daqui resultante apresenta o enorme interesse de nos elucidar sobre as transformações urbanas que acompanharam a transição entre um ambiente ainda de natureza rural, e um modelo de desenvolvimento urbano ditado pelos *shoppings* que desertificam o centro das cidades e pelos aglomerados habitacionais que atrofiaram as suas gentes. Os bilhetes-postais ilustrados possuem este extraordinário encanto de nos permitir ver para além do que os olhos alcançam, acrescentando uma quarta dimensão à experiência de vaguear pelas ruas que julgamos conhecer, mas que muitas vezes desconheceríamos por completo, se por lá passássemos um século antes. Que nos desculpem os leitores não portuenses, porque os exemplos que seleccionámos para justificar este espanto são todos da *antiga, mui nobre, sempre leal e invicta cidade* que deu berço ao autor.



Figuras 15 e 16: Porto, Mercado do peixe. Editor: A. D. Canedo, successor. Rua das Flores, 200 a 206 – Porto. (identificação no verso) Verso dividido, circulado em 17-3-1923 (bem mais tardiamente do que a data de produção, já que a maioria dos postais deste editor circularam c. 1910)

Em rubrica intitulada “Escavações Históricas Portuenses”, publicada na revista *O Tripeiro*, de 1 de novembro de 1909, ficamos a saber que a primeira pedra do Mercado do Peixe, na praça da Cordoaria, foi colocada a 10 de maio de 1869. No *Guia do Viajante na Cidade do Porto e seus Arrabaldes*, Alberto Pimentel informa-nos que se tratava dum *belo edifício, inaugurado a 8 de maio de 1874, rez-de-chaussée, com 12 janelas de frente para o lado da Cordoaria, e um andar para a rua dos Fogueteiros*. As boas condições de asseio, garantia-nos aquele estimado autor, impediam que se mantivessem no edifício *as fétidas exalações do peixe* e terão contribuído para a sua longa existência. Nos finais de 1950 iniciou-se no mesmo local a construção do Palácio da Justiça (Figura 17), mas quem conhecer as imagens do antigo mercado conseguirá sobrepor ao incaraterístico edifício que apresentamos abaixo a vivacidade do ambiente que nos é transmitida pelos postais de há um século.

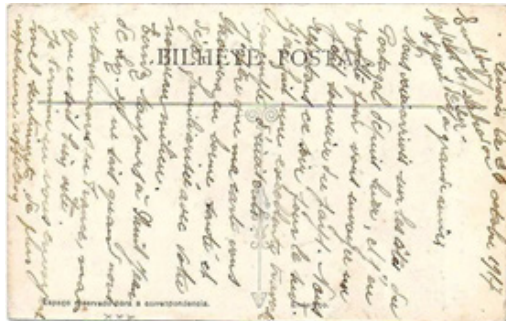


Figura 17: O Palácio da Justiça, onde ficava o Mercado do Peixe (Google Street View)

O postal apresentado a seguir (Figuras 18 e 19) merece uma referência especial, por parecer contrariar a proposta a que dá sustentação, nomeadamente a de que as transformações urbanas não se encontravam entre as primeiras razões para o colecionismo de bilhetes-postais ilustrados. Em boa verdade, o leitor poderá ter reparado que o autor salvaguardou providentemente esta situação, no início deste capítulo, ao afirmar que os primeiros postais, “em termos gerais, não representavam quaisquer transformações urbanas, sociais, ou doutro tipo”. Este facto, no entanto, não impedia a produção de postais que ilustravam o Porto antigo e temos conhecimento de mais do que uma série dedicada a essa temática. O que julgamos válido manter é que ela não constituiu um tema que motivasse os primeiros colecionadores.



J. N. B.—264 Arnaldo Soares—Registado.
Porto antigo—Convento d'Áve Maria



Figuras 18 e 19: J.N.B. 264, Porto antigo – Convento d'Áve Maria. Editor: Arnaldo Soares. Verso dividido, circulado em 24-10-1917 (algo tardiamente em relação à data de produção, dado que estes postais terão circulado maioritariamente entre 1905 e o início da década seguinte)

O convento de S. Bento da Avé Maria, cuja história está intimamente ligada à cidade do Porto, foi inaugurado em 1535, tendo a última freira falecido em maio de 1892 (Maia & Monteiro, 1992). Existia ainda na memória recente da cidade quando os principais editores portuenses iniciaram a sua atividade nos princípios do século XX, surgindo por isso retratado em vários postais dessa época. A decisão de se estabelecer uma ligação ferroviária entre Campanhã e o largo de S. Bento ditou de forma irreversível o

seu fim, tendo o primeiro comboio atravessado o túnel que concluía este trajeto, em 7 de novembro de 1896 (Ribeiro, 1968). O exemplar aqui apresentado parece ilustrar uma fase inicial dos trabalhos de demolição, mas a construção do edifício da estação só se iniciou em janeiro de 1904, alguns anos depois da chegada do primeiro comboio (Andrade, 1962) (Figura 20). O ponto de vista é o mesmo da fotografia que apresentamos a seguir, o que nos permite compreender a enorme transformação urbana que teve lugar nesta parte da cidade.



Figura 20: A estação de S. Bento, onde ficava o convento do mesmo nome (Google Street View)

Para concluir esta secção, em que apresentamos ao leitor uma das razões mais comuns que nos levam, hoje em dia, a gostar de bilhetes-postais ilustrados, escolhemos um postal que nos mostra o antigo mercado dos Ferros Velhos, onde há um século ainda se mantinha a principal feira da ladra portuense (Figuras 21 e 22).



Figuras 21 e 22: J.N.B. 329, Porto – Ferros Velhos. Editor: Arnaldo Soares. Verso dividido, circulado em 10-12-1906

No seu número de novembro de 1945, a revista *O Tripeiro* publicou uma imagem semelhante à que vemos neste postal, inserida na já nossa conhecida rubrica “Ainda se lembra?... Era no Porto e num lugar bem central...”. A quantidade de respostas que foram publicadas no número seguinte rivaliza bem com a que apresentámos anteriormente quando tratámos a questão do saudosismo através dos bilhetes-postais ilustrados e poderia substituí-la sem deslustre. Faça o leitor o seu próprio juízo, comparando a imagem aqui apresentada com aquilo que vê quando se coloca atualmente no mesmo local, de frente para a Rua de Cândido dos Reis (Figura 23).

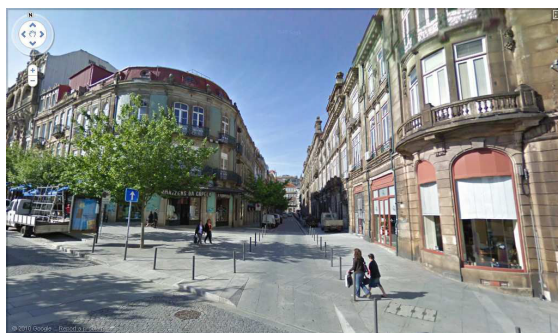


Figura 23: A Rua de Cândido dos Reis, onde ficavam os Ferros Velhos (Google Street View)

Muitos dos atuais colecionadores de bilhetes-postais ilustrados começaram essa atividade a partir dum encontro fortuito, numa feira de velharias, com um postal que mostra uma parte da cidade que conseguiram identificar e relacionar com o aspeto que lhe conhecem nos dias de hoje. Julgamos que se torna mais fácil compreender a surpresa dum tal encontro, se o leitor se detiver alguns minutos a olhar para as imagens aqui apresentadas e, mais ainda, se passar pelos locais que elas representam e substituir o que os seus olhos veem por aquilo que aqui lhe mostrámos. Ou, em alternativa, se procurar um postal antigo da sua região e se der ao trabalho de visitar o local lá retratado, apropriando-se das memórias que ele evoca. Mas tenha cuidado, porque pode ser fulminado por uma paixão dispendiosa, para a qual não é conhecido antídoto seguro...

A TRANSFORMAÇÃO HISTÓRICA E SOCIAL

Para além da transformação urbana, os bilhetes-postais ilustrados oferecem-nos uma riquíssima variedade de pormenores sobre a estrutura

social da época a que pertencem. A história do século XX poderia perfeitamente ser ilustrada através deste tipo de registo iconográfico, que nunca deixou de captar os grandes eventos históricos e sociais. Os quatro postais apresentados nesta secção são exemplares a este respeito e mostram-nos a profunda transformação experimentada em Portugal entre a visita do presidente francês em novembro de 1905 e a implantação da República em outubro de 1910. Como o leitor poderá reparar, nesta e noutras ocasiões ao longo deste trabalho, o mesmo postal poderia servir como exemplo a mais do que uma das razões que aqui lhe propomos para explicar porque é que gostamos de bilhetes-postais ilustrados. Este conjunto, por exemplo, tem igualmente interesse como *memorabilia* dos eventos que representa e seria naturalmente atrativo para colecionadores de temáticas como a Realeza e a República.



Figuras 24 e 25: Postal fotográfico sem legenda e sem editor. Verso não dividido, não circulado (apresenta manuscrita uma indicação de data: 20-11-1906)

Pouco menos de dois anos e meio antes do regicídio que vitimou D. Carlos e o infante D. Luís Filipe, Portugal recebeu Émile Loubet, Presidente da República Francesa. Foi uma visita de Estado com pompa e circunstância, que ficou registada em muitos bilhetes-postais ilustrados evocativos, entre os quais se inclui este belo postal fotográfico. Sendo tradicionalmente produzidos em tiragens de tamanho reduzido (Figuras 24 e 25), estes postais são relativamente raros e, por essa razão, mais valorizados. A impressão fotográfica, por outro lado, permite a ampliação e visualização de pormenores que não são alcançáveis com os restantes métodos de produção, onde a trama de impressão se torna rapidamente visível. No exemplo aqui apresentado, a rainha D.^a Amélia surge ao centro, tendo à sua esquerda D. Carlos e à direita o presidente Loubet. A identificação dos restantes personagens constitui um motivo de interesse adicional que atrai historiadores

e simples apaixonados, para quem um postal como este pode representar um desafio capaz de entreter anos de investigação.



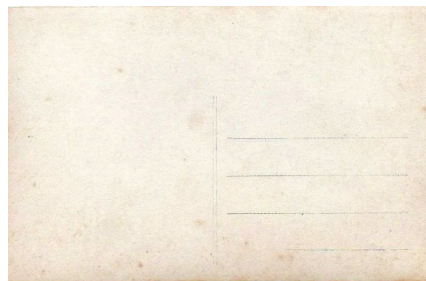
Figuras 26 e 27: Postal fotográfico sem legenda. Editor / fotógrafo: J. P. Bastos & Ca., Lisboa. Verso dividido, circulado em 12-03-1908

O 11 de setembro de 2001 português ocorreu em 1 de fevereiro de 1908, quando D. Carlos e o seu filho primogénito foram assassinados a tiro no Terreiro do Paço. Os regicidas Manuel Buíça e Alfredo Costa foram abatidos no local e deram por sua vez origem a bilhetes-postais ilustrados que perpetuaram a sua imagem *post-mortem*, que é acompanhada pela curiosa legenda “Falecido em 1 de Fevereiro de 1908”. Apesar da fraca popularidade que o reinado de D. Carlos inspirava às sempre sacrificadas massas populares, a iconografia do cortejo fúnebre dá bem ideia do choque que esta tragédia terá representado para o Portugal da época. O interessante postal fotográfico aqui apresentado (Figuras 26 e 27) é um bom exemplo do que acabámos de referir e representa bem o início do processo que, em menos de três anos, apeou um regime que governou Portugal durante séculos.



Figuras 28 e 29: Postal fotográfico com legenda por carimbo: Fuga da família real – Ericeira. Editor / fotógrafo: José Maria da Silva, Fotografia Portuguesa, 121, R. do Poço dos Negros, 125 – 25 Rua da Alcântara, 25-A, Lisboa. Época Balnear – Ericeira. Verso dividido, não circulado

A revolução republicana que eclodiu no Porto a 31 de janeiro de 1891 foi o primeiro sobressalto sério para o regime monárquico português, mas ainda foi preciso esperar quase vinte anos para que os heróis da Rotunda fizessem triunfar a república em Lisboa, num movimento que rapidamente se estendeu ao resto do país. A indecisão durou dois ou três dias, mas depressa se tornou claro que não restava à família real alternativa ao abandono do poder e do país. O momento da partida, na praia da Ericeira, ficou registado num belo postal fotográfico de José Maria da Silva, que assinala o fim da monarquia com o pouco caridoso título de “Fuga da família real” (Figuras 28 e 29).



Figuras 30 e 31: Postal fotográfico com legenda manuscrita: Curioso efeito do bombardeamento na Praça dos Restauradores. Lisboa, outubro de 1910. Sem editor. Verso dividido, não circulado

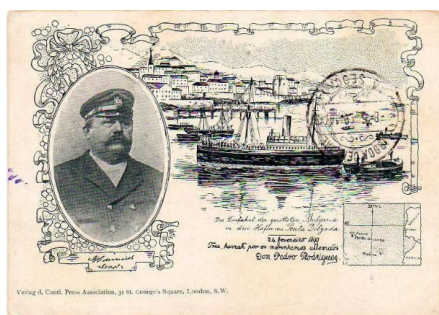
As reportagens fotográficas que se seguiram à vitória do movimento republicano produziram clichés que correram o mundo, em particular através das revistas da época. Ficou célebre um lampião que se manteve incompreensivelmente de pé (Figuras 30 e 31), apesar de ter sido atravessado por projéteis de razoável calibre, um dos quais praticamente o decapitou. Para além de ter sido reproduzido em vários periódicos, por exemplo no *Dimanche Illustré* de 23 de outubro, foi igualmente alvo de uma breve reportagem cinematográfica que pode ser vista no sítio web da British Pathé⁶.

⁶ Retirado de <http://www.britishpathe.com/record.php?id=11278>. Sítio que nos oferece ainda uma outra reportagem cinematográfica invulgarmente extensa dos eventos da Rotunda, em <http://www.britishpathe.com/record.php?id=51945>

As transformações sociais aqui registadas explicam bem *mais uma* razão que nos leva a gostar de bilhetes-postais ilustrados e tornam claro que seria perfeitamente possível contar a história dos primeiros trinta anos do século XX português sem precisarmos de recorrer a outro tipo de registo iconográfico (aos leitores mais diligentes e que se não considerem em risco de desordem obsessivo-compulsiva, sugerimos que iniciem uma nova coleção dedicada a esta temática).

A TRANSFORMAÇÃO DOS MEIOS DE TRANSPORTE

Para além das transformações urbanas e sociais, também as transformações dos meios de transporte se encontram amplamente representadas nos bilhetes-postais ilustrados. Começaremos a nossa digressão pelos transportes marítimos, consideraremos a seguir os transportes terrestres e encerraremos esta secção com os transportes aéreos, cujo nascimento coincidiu com a febre da cartomania.



Figuras 32 e 33: G. Schmidt Capt. Die Einfahrt der geretteten Bulgaria in den Hafen von Ponta Delgada [entrada do resgatado Bulgaria no porto de Ponta Delgada] – 24 fevereiro 1899 – Três hurrah por os marinheiros alemãos [sic] – Dom Pedro Rodrigues. Editor: Verlag d. Contl. Press Association, 31 St. George's Square, London, S.W. Verso não dividido, circulado em 08-05-1899

O raro bilhete-postal ilustrado de temática açoriana aqui apresentado, que nos mostra o *Bulgaria* no porto de Ponta Delgada, evoca muito bem as vicissitudes das travessias transatlânticas da época (Figuras 32 e 33). Este barco foi apanhado por um violento e muito longo temporal durante a travessia do Atlântico, em viagem de Nova Iorque para Hamburgo, no início do mês de fevereiro de 1899. As embarcações que com ele contactaram deram-no em condições de navegação tão difíceis (sem leme, tendo

perdido parte dos salva-vidas e com forte inclinação para bombordo), que chegou a considerar-se perdido, após terem decorrido duas semanas sobre a data em que era esperado no destino. Conseguiu chegar aos Açores pelos seus próprios meios, depois duma odisseia que ficou registada nos jornais da época, a justificar bem o regozijo com que foram recebidos em Hamburgo e os prémios que o imperador alemão concedeu ao capitão e à tripulação (Putnam, 2001).

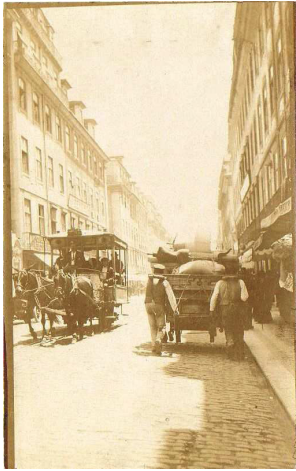
Os transportes terrestres estão também amplamente representados nos bilhetes-postais ilustrados, sendo particularmente interessantes os que dizem respeito aos diversos tipos de carros puxados por mulas, que antecederam e co-existiram ainda com os carros eléctricos, entre finais do século XIX e princípios do século XX. Geralmente conhecidos no Porto por americanos ou carros Ripert, conforme circulassem ou não sobre carris, este tipo de veículos parece ter ficado conhecido em Lisboa pelos nomes dos empresários ou empresas que iniciaram as respetivas carreiras⁷. Vejamos o que nos diz a *Ilustração Portuguesa* no seu número de 23 de agosto de 1920, em interessantíssimo artigo referente à evolução dos meios de transporte desde finais de XIX⁸:

a gente desse tempo, porém, lembra-se ainda dos carroções de Diogo Freirinha, do José da Bateira, do Florindo, da Empresa Salazar (que ainda hoje existe), do Sidório, do Silvestre, do temível Ripert (dono de 60 carroções), do célebre Jacinto Gonçalves, o “Jacinto das Carroças” (há pouco falecido), da Empresa dos Ratos, do Rambon e, finalmente, da Companhia Carris de Ferro de Lisboa. A luta estabelecida entre eles, pela concorrência, foi homérica e terrível, tanto que muitas vezes os passageiros pagaram com desastres graves a comodidade das viagens velozes... Buscando o favor do público, cada um deles, procurava baratear as tarifas e chegar aos pontos de destino mais depressa do que os outros, de modo que muitos carroções ficaram por aí, à beira das ruas, desconjuntados.

A leitura deste excerto permite compreender melhor o que torna estes postais particularmente atrativos, com destaque para os do tipo fotográfico, por nos oferecerem imagens inéditas ou pouco conhecidas.

⁷ A Viação de Lisboa – Jacinto Gonçalves e os seus carros, *Ilustração Portuguesa*, 2.ª série, 29.º volume, n.º 745, 31 de maio de 1920, p. 373.

⁸ Belo Redondo, Do Carroção ao Carro Eléctrico, *Ilustração Portuguesa*, 2.ª série, 30.º volume, n.º 757, 23 de agosto de 1920, pp. 115-120.



Figuras 34 e 35: Postal fotográfico sem legenda e sem editor. Verso dividido, não circulado. Apresenta uma nota manuscrita no verso: *Lisbonne – Un déménagement*. Lisboa – Uma mudança

O exemplar aqui apresentado (Figuras 34 e 35) mostra um destes carros no centro de Lisboa (Rua do Ouro?), no momento em que se cruzava com um par de trabalhadores que procediam a uma mudança. Note-se que, de acordo com a nota que se encontra manuscrita no verso, a fotografia terá sido realizada para registar a mudança, embora o interesse principal que este bilhete-postal ilustrado apresenta, nos dias de hoje, seja o do carro que fortuitamente ia a passar...

Existem dois tipos principais de bilhetes-postais ilustrados relacionados com o desenvolvimento da aeronáutica em Portugal – aqueles que nos apresentam as primeiras tentativas e os seus corajosos autores, e os relativos aos raids aéreos que se popularizaram nos anos 20/30, quando o desenvolvimento tecnológico permitiu antever que o estabelecimento de ligações comerciais entre quaisquer pontos do globo seria uma realidade a curto prazo. Ao contrário do que sucede em alguns outros países, por exemplo em França, o número de postais do primeiro tipo é relativamente pequeno, tanto no que diz respeito aos balões como aos primeiros aeroplanos. Para além de poucas séries impressas pelos processos habituais, existem alguns raros postais do tipo fotográfico, sempre de escassíssima tiragem, que por essa razão constituem atualmente registos iconográficos muito estimados, com valor histórico e documental. O bilhete-postal ilustrado a seguir apresentado é particularmente interessante, por representar o primeiro aeroplano que voou no nosso país, pouco antes dessa primeira

experiência bem sucedida (se assim lhe pudermos chamar, por razões que em breve se tornarão claras). Leia o leitor conosco o interessante relato que nos foi apresentado nas páginas na *Ilustração Portuguesa*, no seu número 192, de 25 de outubro de 1909:

foi no hipódromo de Belém, mais ou menos convenientemente adaptado para tal fim, que se realizou essa primeira experiência com um biplano do sistema Voisin, e, se o seu resultado não foi completamente satisfatório, em consequência do desastre que a interrompeu, tanto a saída do aparelho como a forma como planou enquanto se manteve no ar causaram uma agradável impressão no público. O biplano realizou um voo de 800 metros de extensão, a uma altura de 8 metros. Quando o aviador sr. Armand Zipfel tentava fazer uma viragem, o aparelho caiu brusca-mente e sofreu com a queda alguns prejuízos materiais.



Figuras 36 e 37: Postal fotográfico sem legenda e sem editor. Verso dividido, não circulado

As imagens que ilustram esse interessante artigo, que felizmente foi acompanhado por informação mais detalhada do que era habitual nas páginas daquela extraordinária revista, são da autoria do fotógrafo Joshua Benoliel (1984), de quem voltaremos a falar, uma vez que esteve entre os nossos primeiros colecionadores de bilhetes-postais ilustrados, tendo chegado aos dias de hoje vários exemplares que ostentam o seu carimbo e assinatura. Uma dessas imagens mostra-nos uma perspectiva semelhante à que encontramos no postal aqui apresentado, permitindo comparar detalhes que confirmam tratar-se do mesmo aparelho com que Armand Zipfel escreveu a primeira página da história da aviação portuguesa e a que o futuro veio a dar o pouco glorioso título de *pulo de Zipfel*.

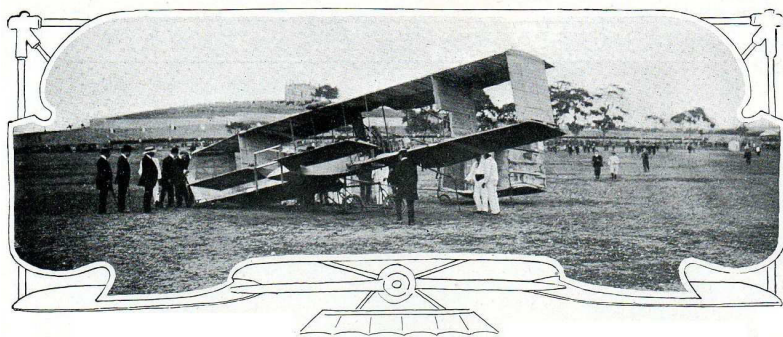


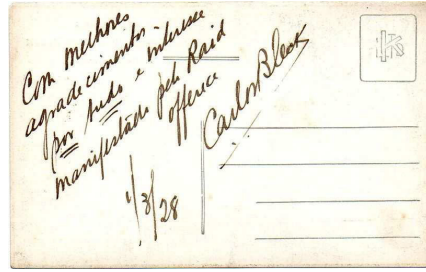
Figura 38

A explicação para tão desairoso epíteto é-nos apresentada com mais alguns pormenores por Henriques-Mateus no segundo volume da sua interessantíssima obra *Portugal na Aventura de Voar* (2009). O vento excessivo, para além de ter interrompido abruptamente a primeira experiência, impediu as tentativas subsequentes que chegaram a estar anunciadas e acabou por obrigar a organização a devolver o preço dos bilhetes, justificando a designação por que veio a ficar conhecido o primeiro voo dum aeroplano no nosso país.

Do segundo grupo principal de bilhetes-postais ilustrados sobre a temática da aeronáutica, referentes aos grandes raides aéreos, são sobejamente conhecidas as séries que dizem respeito à travessia do Atlântico Sul, realizada em 1922 por Gago Coutinho e Sacadura Cabral. A essa primeira grande viagem seguiram-se outras que uniram Portugal a diversos pontos do seu território ultramarino, merecendo destaque o raide Portugal-Macau, levado a cabo por Brito Pais e Sarmento Beires (acompanhados pelo mecânico Manuel Gouveia), sobre o qual existem igualmente bilhetes-postais ilustrados. O postal com que escolhemos encerrar esta secção refere-se à tentativa de ligar Portugal à Índia, que foi primeiramente tentada por Carlos Eduardo Bleck em 1928 (Figuras 39 e 40).

O raide de 1928 não teve sucesso, sendo Carlos Bleck obrigado a abandonar a tentativa após uma aterragem forçada que despedaçou o avião em terras da Palestina, a 22 de fevereiro. Este mesmo piloto conseguiu no entanto realizar a primeira ligação aérea entre Portugal e a Índia em voo solitário, em 1934. Esta viagem e outras recordações da sua vida estão descritas num livro (edição do autor) com o título *Rumo à Índia*, publicado quase 30 anos depois. Esta e outras obras que descrevem os grandes raides aéreos portugueses são fascinantes e acrescentam um encanto particular

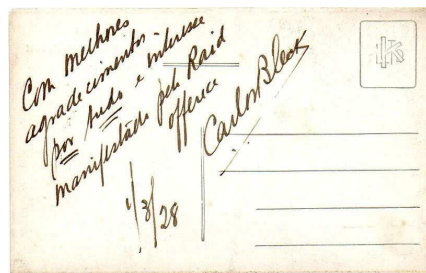
aos bilhetes-postais ilustrados que lhes estão associados, por nos permitirem compreender melhor as tremendas dificuldades e sacrifícios com que se debateram esses nossos corajosos aviadores.



Figuras 39 e 40: Postal fotográfico com legenda impressa: Piloto português Carlos Eduardo Bleck à partida – Alverca – 09-02-928. Verso dividido, não circulado. Apresenta uma dedicatória manuscrita no verso: Com muitos agradecimentos por tudo e interesse [sic] manifestado pelo raide, oferece Carlos Bleck, 1/3/28

PORTUGAL VISTO PELOS ESTRANGEIROS

A firma suíça, Künzli frères, produziu quatro bilhetes-postais ilustrados do tipo “Gruss” sobre a cidade do Porto, que representam alguns dos seus principais pontos turísticos e tipos humanos tradicionais. Lindamente ilustrados, estes bilhetes-postais ilustrados foram lançados nos finais do século XIX e terão sido os primeiros deste tipo relativos ao Porto, já que as outras edições conhecidas (por exemplo, os cinco postais da Litografia Portuguesa alusivos à comemoração do dia 1.º de Maio, os que foram editados pela casa Adriano Ramos Pinto, etc.) circularam em datas posteriores.



Figuras 41 e 42: Ponte D. Maria Pia – Recordação de [sic] Porto – Carriça. Editor: Kunzli frères, Zurich. Verso não dividido, circulado em 29-07-1899

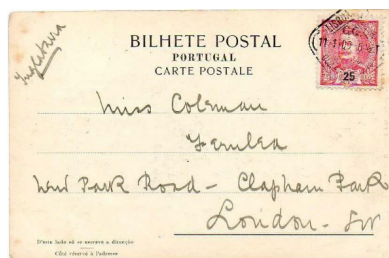
O bilhete-postal ilustrado aqui apresentado (Figuras 41 e 42) é particularmente interessante pelas queixas de que nos dá conta. Em boa verdade e se as restantes alinharem pela mesma razoabilidade das que dizem respeito à apreciação artística, temos razões para crer que a opinião deste nosso visitante estaria condicionada por um dia menos bom:

lamento não poder enviar-te um postal melhor, mas Portugal está três séculos atrasado face a qualquer outra nação e ninguém sabe o que é um postal decente. Está “bestialmente” quente por cá, ontem estavam 57.5 °C ao sol e 32.8 °C à sombra. Não temos carteiro aqui, mas antes uma “carteira”. Ela aparece quando lhe apetece, mais ou menos uma vez por semana.

É para nós seguro que lhe faltava bom gosto para apreciar postais, uma vez que todos os quatro bilhetes-postais ilustrados editados pela Künzli frères são hoje em dia particularmente estimados pelos colecionadores da temática portuense. Talvez pela proximidade existente entre as duas nações, é relativamente fácil encontrarmos relatos de viajantes ingleses em Portugal, onde manifestam a sua surpresa por aquilo que encontram. A superioridade civilizacional de que estavam convencidos confere frequentemente a tais relatos um tom jocoso, umas vezes despropositado, outras nem tanto.

O entendimento dos nomes que encontravam em monumentos e locais suscita ocasionalmente expressões de espanto, como sucede no BPI aqui apresentado (Figuras 43 e 44). Neste caso somos tentados a dar razão ao visitante que enviou para casa a seguinte nota:

Minha querida (...), Que nome extraordinário para um palácio real – Palácio das Necessidades!!! – não é? Por que raio lhe deram esse nome, (ultrapassa?) a minha compreensão.



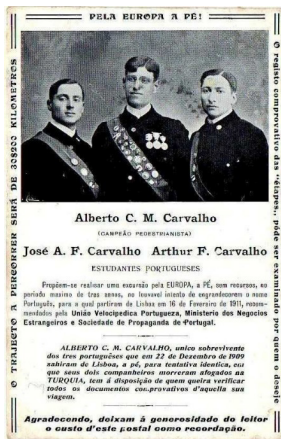
Figuras 43 e 44: 15. Recordação de Lisboa – Palácio das Necessidades. Editor: Jerónimo Martins & Filho, Chiado, 18-19, Lisboa. Verso não dividido, circulado em 11-01-1900

Não teria ainda assim sido essa a sua única surpresa, se tivesse passado por outros locais com que os lisboetas por vezes desafiam a compreensão toponímica, como é o caso do Cemitério dos Prazeres...

OS GLOBE-TROTTERS PORTUGUESES

Na mesma época em que proliferou a cartomania, parece ter sido popular um outro *sport*, que acrescentava aos benefícios intelectuais o desenvolvimento da resistência física e psicológica – a travessia do país ou do continente a pé. É interessante transcrevermos o texto que a este respeito nos apresenta a *Ilustração Portuguesa* n.º 273, de 15 de Maio de 1911:

Os GLOBE-TROTTERS. – De há um tempo a esta parte, muitos portugueses se têm aventurado como *globe-trotters*. Um dia juntam-se três ou quatro rapazes, conversam, discutem, a ancestralidade puxa-os para as aventuras, para correrem, como o infante D. Pedro, as sete partidas do mundo. (...) Entusiasmam-se e marcham. Há pouco morreram dois na Turquia; outros regressam com muito que contar. [a revista inclui uma fotografia de quatro jovens que nessa altura iniciavam a sua viagem]



Figuras 45 e 46: conforme apresentado abaixo e sem editor. Verso dividido, não circulado

Os dois *globe-trotters* que faleceram surgem no n.º 240 desta mesma revista, publicada cerca de meio ano antes, a 26 de setembro de 1910. Este número publica uma fotografia de grupo, no centro do qual estão os “três *globe-trotters* portugueses na Suíça com alguns alunos da escola de Artes

Industriais de Genebra” (Figuras 45 e 46), identificando os “srs. Inácio Santos e Luís Fernandes que morreram afogados quando tomavam banho na ribeira de Xemuky na Turquia” e no meio deles o “sr. Alberto Carvalho, que perante a morte dos seus companheiros deliberou regressar a Portugal”. O sobrevivente não parece ter ficado traumatizado com esta tragédia, uma vez que em fevereiro do ano seguinte já arregimentara dois novos companheiros, com os quais se propunha atravessar 30.200 Km a pé. Como fonte de financiamento recorreram à venda de postais com a fotografia do grupo, a que acrescentaram uma legenda onde informavam da (má) sorte que coubera aos anteriores aventureiros.

Pela Europa a pé!

O trajecto a percorrer será de 30\$20 quilómetros.

O registo comprovativo das “étapes” pode ser examinado por quem o deseje.

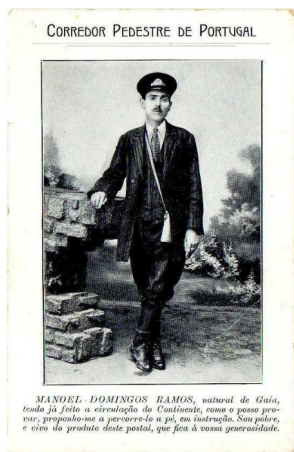
Alberto M. Carvalho (campeão pedestrianista)

José A. F. Carvalho, Artur F. Carvalho
lho (estudantes portugueses).

Propõem-se realizar uma excursão pela Europa, a pé, sem recursos, no período máximo de três anos, no louvável intento de engrandecerem o nome Português, para a qual partiram de Lisboa em 16 de Fevereiro de 1911, recomendados pela União Velocipédica Portuguesa, Ministério dos Negócios Estrangeiros e Sociedade de Propaganda de Portugal. Alberto C. M. Carvalho, único sobrevivente dos três portugueses que em 22 de Dezembro de 1909 saíram de Lisboa, a pé, para tentativa idêntica, em que seus dois companheiros morreram afogados na Turquia, tem à disposição de quem queira verificar todos os documentos comprovativos daquela sua viagem. Agradecendo, deixam à generosidade do leitor o custo deste postal como recordação.

Da frequência com que se deviam organizar estes grupos dá-nos conta a *Ilustração Portuguesa*, que logo no número seguinte àquele em que noticia o afogamento dos dois jovens portugueses, nos apresenta uma fotografia de mais três amigos que iniciavam na lisboeta Avenida da Liberdade uma volta ao mundo em bicicleta, para a qual mandaram fazer os tradicionais bilhetes-postais ilustrados. Estes e outros exemplares que ainda hoje se vão encontrando nos alfarrabistas e comerciantes do ramo vêm corroborar a suposição de que seria relativamente grande o número de jovens, portugueses e estrangeiros, que calcorreavam o mundo em busca de conhecimento e aventura.

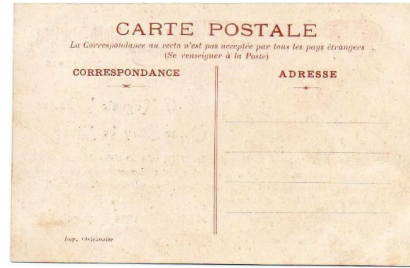
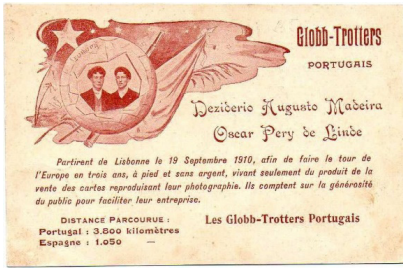
Mais original, no sentido em que se limitou a querer conhecer o que era nosso, foi a odisseia que o “Corredor Pedestre de Portugal” decidiu emprender e de que nos dá conta na fonte de financiamento usada em casos que tal. Pelo uniforme com que se fez fotografar (Figuras 47 e 48), fica-nos a impressão de que trabalharia na distribuição postal, profissão que muito deveria contribuir para a preparação destas iniciativas.



Figuras 47 e 48: conforme apresentado abaixo e sem editor. Verso dividido, não circulado

CORREDOR PEDESTRE DE PORTUGAL
MANOEL DOMINGOS RAMOS, natural de Gaia, tendo já feito a circulação do Continente, como o posso provar, proponho-me a percorrê-lo a pé, em instrução. Sou pobre, e vivo do produto deste postal, que fica à vossa generosidade.

A emissão de bilhetes-postais ilustrados poderia ir sendo feita pelo caminho, para evitar que a fonte de financiamento sobrecarregasse a marcha e também para tornar as explicações perceptíveis aos povos dos países que iam sendo atravessados. Não é assim de surpreender que encontremos igualmente exemplares em Francês, que à época era mais universal do que o Inglês. A pé e sem dinheiro, na boa tradição dos seus contemporâneos, Desidério Madeira e Óscar Linde devem ter incluído no itinerário a cidade de Paris, onde quase 100 anos depois adquirimos o exemplar apresentado a seguir (Figuras 49 e 50).



Figuras 49 e 50: conforme apresentado abaixo e sem editor. Verso dividido, não circulado

Globb-Trotters Portugais

Deziderio Augusto Madeira – Oscar Pery de Linde

Observações: Globb-Trotters Portugais – Deziderio Augusto Madeira – Oscar Pery de

Linde – Partirent de Lisbonne le 19 Septembre 1910, afin de faire le tour de l'Europe en trois ans, à pied et sans argent, vivant seulement du produit de la vente des cartes reproduisant leur photographie. Ils comptent sur la générosité du public pour faciliter leur entreprise. Les Globb-Trotters Portugais. Distance parcourue: Portugal: 3.800 kilomètres, Espagne: 1.050 kilomètres. [Partiram de Lisboa a 19 de Setembro de 1910, a fim de darem uma volta à Europa em três anos, a pé e sem dinheiro, vivendo apenas do produto da venda dos postais que reproduzem a sua fotografia. Contam com a generosidade do público para facilitar a sua iniciativa.]

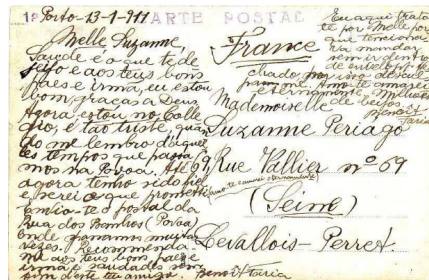
Os bilhetes-postais ilustrados que chegam aos nossos dias são um testemunho interessantíssimo sobre esta vontade de conhecer o mundo, de um modo que muito se coaduna com os ideais que mudaram o regime político português em outubro de 1910 e que tantos adeptos parece ter conquistado, numa época em que o *couchsurfing*⁹ e as viagens *low-cost* ainda não tinham sido inventadas.

⁹ Retirado de <http://www.couchsurfing.org/>

UM CERTO VOYEURISMO

A leitura das mensagens escritas nos postais pode constituir um motivo de interesse para muitos colecionadores. Não sendo de todo alheia a algum *voyeurismo*, essa curiosidade justifica-se por várias razões, entre elas a vontade de conhecer melhor as práticas sociais e, por vezes, mesmo os eventos da época. Diga-se, aliás, que a quase totalidade das mensagens trocadas é completamente desprovida de interesse, por se limitar a palavras de circunstância ou ao uso de fórmulas de saudação normalizadas. Por esta mesma razão, os postais que fogem a essa regra tornam-se particularmente interessantes e poderiam mesmo constituir um tema de colecionismo próprio. É sobre eles que propomos ao leitor uma conversa, no decorrer desta secção.

O primeiro exemplo que escolhemos (Figuras 51 e 52) ensina-nos alguma coisa sobre as práticas sociais do namoro no início do século XX. Se não fosse por isso, a extraordinária transformação urbana de que nos dá conta, relativamente à cidade da Póvoa de Varzim, seria por si motivo suficiente para o termos incluído na secção que anteriormente apresentámos a tal respeito. Nele vemos representada uma parte da atual Avenida dos Banhos, que desemboca na praça onde está hoje a estátua do Cego do Maio, junto ao casino. Ao fundo da rua, que deu o nome à avenida que a substituiu, vemos a entretanto demolida Capela de S. José, que se situava sobre o areal.



Figuras 51 e 52: Postal fotográfico com legenda manuscrita: Póvoa de Varzim – Rua dos Banhos. Sem editor. Verso dividido, circulado em 13-01-1911

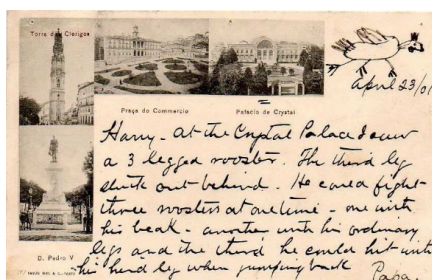
Para além do seu valor documental, já que no caso da Póvoa esta e muitas outras zonas foram impiedosamente transfiguradas pelo camartelo municipal, o postal aqui apresentado oferece-nos um motivo de encanto adicional, através da mensagem que a seguir transcrevemos:

Porto, 13-1-911. M.^{elle} Suzanne, Saúde é o que te desejo e aos teus bons pais e irmã, eu estou bom graças a Deus. Agora estou no colégio, é tão triste, quando me lembro daqueles tempos que passámos na Póvoa. Até agora tenho sido fiel e serei o que prometi. Envio-te o postal da Rua dos Banhos (Póvoa), onde passámos muitas vezes. Recomenda-me aos teus bons pais e irmã e saudades sem fim deste teu amigo, Benoit Faria.

Tudo muito respeitosamente e dentro dos melhores costumes que estamos habituados a associar aos relacionamentos sociais de há um século, incluindo os cumprimentos enviados aos *bons pais e irmã...* Devia no entanto tratar-se já de namoro consentido, uma vez que o Benoit renovava a descoberto as promessas de fidelidade que teria feito no verão anterior. O mais interessante vem a seguir, escrito sobre o espaço que estava reservado para o endereço:

Eu aqui trato-te por M.^{elle} porque tencionava mandar sem ir dentro de envelope fechado, por isso desculpa-me. Amo-te e amarei eternamente. Milhares de beijos, Benoit Faria.

Ah! e pensávamos nós que as nossas trisavós só trocavam o primeiro beijo seis meses depois de iniciado o namoro... As mensagens de afeto e brincadeira constituem outro tipo de exemplos não menos interessantes, em particular por nos mostrarem que o carinho e o humor são relativamente intemporais. Enquanto a mensagem do Benoit Faria, que acabámos de apresentar, é lida com alguma estranheza à luz das fórmulas atuais, os dois exemplos que apresentaremos a seguir podiam perfeitamente ter sido escritos em postais enviados nos nossos dias.



Figuras 53 e 54: 7. Torre dos Clérigos – D. Pedro V – Praça do Comércio – Palácio de Cristal. Editor: Emílio Biel & C. – Porto. Verso não dividido, circulado em 24-04-1901

Surpreendido com um galo de três patas que vira no Palácio de Cristal, na cidade do Porto, um pai saudoso comprou o bilhete-postal ilustrado aqui apresentado (Figuras 53 e 54), onde assinalou com uma marca o local referido. Não totalmente desprovido de dotes artísticos, acrescentou um desenho onde o animal surge representado com alguma graça e escreveu ao filho, que seria uma criança interessada pelos fenómenos da natureza, a seguinte mensagem:

Harry – Vi no Palácio de Cristal um galo com 3 patas. A terceira pata projectava-se para trás. Ele podia lutar contra três galos ao mesmo tempo – um com o bico, outro com as patas normais e o terceiro com a pata traseira quando saltava para trás. Papá.

Para o Harry, em particular numa época em que os motivos de distração eram incomparavelmente inferiores aos atuais, este postal deve ter servido como motivo de conversa durante vários dias... O que nos parece curioso realçar, como referimos antes, é que o mesmo desenho e a mesma mensagem poderiam perfeitamente fazer parte dum postal enviado hoje, se no Palácio de Cristal continuassem a existir galos que desafiassem as leis da natureza. Passa-se o mesmo com o bilhete-postal ilustrado apresentado a seguir (Figuras 55 e 56), que ilustra o edifício prisional portuense então em uso, onde hoje se encontra instalado o Centro Português de Fotografia (pormenor não destituído de interesse, por razões que compreenderemos já a seguir).



Figuras 55 e 56: 97. Cadeias da Relação. Editor: Emílio Biel & C. – Porto. Verso não dividido, circulado em 31-01-1904

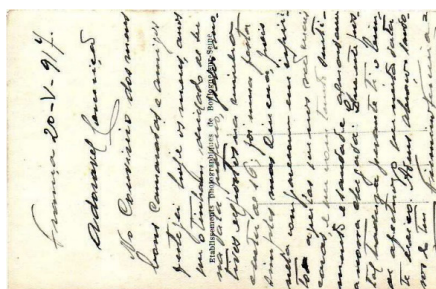
Logo após a sua chegada ao Porto, o jovem W. Flower brinca com um seu amigo em Inglaterra, a quem enviou a seguinte mensagem:

Porto, Portugal, 30/1/04. Caro Bert, Esta é a prisão onde te poderei vir a encontrar um dia! Tivemos uma passagem difícil (refere-se com certeza à travessia do Golfo da Biscaia) e levamos 5 dias em vez de 3½. Mesmo ontem não pudemos entrar no Rio Douro e tivemos que desembarcar no Porto de Leixões, um pouco ao norte do Porto. Como está a Elsie? Havia 2 senhoras no barco para além de mim, bem desejava que tivessem sido raparigas dos seus 16 anos!

Para além de confirmar a má fama do golfo da Biscaia, que tantos incómodos causou aos visitantes que chegavam da Europa do norte, este postal mostra-nos que as brincadeiras e os temas de conversa entre os jovens de há 100 anos mantêm uma atualidade notável, quer na forma quer no conteúdo. Prejudicado apenas pela falta de espaço para estender as pernas, o conforto com que os jovens ingleses atravessam hoje o golfo, a bordo da Ryanair, é incomparavelmente maior do que aquele que era oferecido aos passageiros das carreiras marítimas de antanho. Com esta única ressalva, poderíamos encontrar a mesmíssima mensagem num bilhete-postal ilustrado enviado hoje... É ainda curioso assinalar que o remetente deste postal tem o mesmo apelido de um homem que deixou o seu nome escrito com letras de ouro na história da fotografia portuense, tendo-nos deixado mais de 200 imagens notáveis da cidade e dos seus arredores, realizadas na década de 1850: Frederick William Flower.

O bilhete postal é a mais expressiva e gentil forma de correspondência moderna. (...) Pois este emissário afortunado de todas as simpatias, de todos os afectos discretos e de todas as indiferenças delicadas, esta espécie de caixeiro viajante das paisagens e dos galanteios, pode dizer-se que, há mais de dois anos, pôs a sua influência cosmopolita e feminina ao serviço da guerra e dos guerreiros. (*Ilustração Portuguesa*, 5 de Dezembro de 1917, 15)

Para encerrar a temática das mensagens, no panorama das razões pelas quais gostamos de bilhetes-postais ilustrados, apresentamos a seguir um postal enviado à esposa por um dos nossos combatentes em França durante a I Guerra Mundial. Os livros de memórias que foram publicados nos anos subsequentes, em particular pelos elementos do corpo de oficiais, oferecem-nos um registo muito vivo das dificuldades, sofrimentos e privações que todos enfrentavam. Os postais enviados por soldados e oficiais, não obstante as limitações impostas por este meio de comunicação, relatam-nos por vezes pormenores não menos interessantes do dia-a-dia vivido pelos membros do Corpo Expedicionário Português.



Figuras 57 e 58: Agréable surprise: Oh! quelle veine, mon Poilu!
 (Poilu era uma designação afectuosa dada aos soldados franceses)
 Editor: Établissements Photographiques de Boulogne-sur-Seine.
 Verso dividido, circulado com data manuscrita de 20-05-1917

Este bilhete-postal ilustrado (Figuras 57 e 58), pertencente a um extenso conjunto do mesmo remetente, que se prolonga até às celebrações da vitória em 1919, traduz bem a saudade que todos sentiriam dos familiares e os artifícios de que lançavam mão para as minorar:

França 20-V-917. Adorável Conceição,

No convívio dos meus bons camaradas e amigos festejei hoje os meus anos, que o tinham deixado de ser na data própria, pelos motivos expostos na minha carta de 16; foi uma festa simples mas sincera, pois nela compareceram em espírito aquelas que nos são mais caras, e que com tanto sentimento e saudade aguardam a nossa chegada. Que este postal traduza perante ti o brinde afectuoso que nesta data te dedico. Adeus, abraços saudosos do teu Firmino Ferreira.

A temática da I Guerra Mundial surge com alguma frequência nos bilhetes-postais ilustrados da época, existindo mesmo um extenso conjunto de três séries de 24 postais cada, relativos ao Corpo Expedicionário Português (*Os Portugueses em França; Os Portugueses na frente de batalha; Sector Português – zona devastada*), baseados em clichés do nosso mais conhecido fotógrafo de guerra, Arnaldo Garcez. Para além desse conjunto, foram ainda publicados alguns exemplares de origem particular, de que a *Ilustração Portuguesa* nos dá exemplo no seu n.º 563, de 4 de dezembro de 1916, onde é apresentado um interessante bilhete-postal ilustrado mandado fazer pelo madeirense João Gouveia, em homenagem aos seus

três filhos combatentes “na frente ocidental pela causa da civilização e da humanidade”.

CURIOSIDADES

Para além das razões já apontadas, o interesse dos colecionadores pelos bilhetes-postais ilustrados pode ter origem em características inco-muns, por vezes em simples pormenores que permitem a um dado exemplar *contar uma história*. Essas histórias nem sempre são evidentes, sendo por vezes necessária uma *chave* que as descodifique, isto é, o conhecimento dos pormenores capazes de despertar esse interesse. Trata-se de bilhetes-postais ilustrados que poderão passar por muitas mãos, sem que ninguém repare neles, até virem eventualmente a cruzar-se com alguém que seja capaz de identificar a história que eles nos trazem. À falta de um nome melhor, consideraremos que essas razões caem num grupo a que damos a designação de *curiosidades*.

No seu número de agosto de 1905, a revista *O Postal*¹⁰ apresenta-nos uma novidade que acabara de ser apresentada em Portugal – o fonopostal. Convidamos o leitor a ler connosco a interessante notícia que nos dá conta deste tipo de bilhetes-postais ilustrados:

O fonopostal – A Sociedade Portuguesa dos Phonocartes, representada por Joaquim Duarte Ferreira e Eduardo Campos Oliveira, em extremo amáveis para com o príncipe regente D. Luís Filipe e antes mesmo de lançarem ao mercado os aparelhos de que são os únicos representantes neste reino, pediram e obtiveram de Sua Alteza uma audiência afim de fonocartarem um postal na sua presença. Eis o seu texto:

A Sua Alteza Real o Príncipe Regente em nome d’El-Rei. Senhor: a Sociedade Portuguesa dos Phonocartes, desejando a Vossa Alteza Real muitas prosperidades durante a sua Augusta Regência deste reino e agradecendo a graça da audiência concedida, vem muito respeitosamente rogar a Vossa Alteza Real haja por bem aceitar este novo invento, persuadido de que Vossa Alteza Real não se negará a dispensar à nossa sociedade a Sua Augusta protecção.

Foi uma forma *sui generis* de felicitar a pessoa do Regente, com o que deveria ficar deveras encantado e maravilhado pelas expressões que o postal lhe consagrava. Ah! quantos colecionadores desejariam possuir aquele postal...

¹⁰ *O Postal* – Revista mensal dos colecionadores portugueses de Bilhetes Postais Ilustrados, Rua de Fernandes Tomás 40, Coimbra (junho 1905, folha espécimen, a n.os 8 e 9, fevereiro e março de 1906).

A *Ilustração Portuguesa* n.º 38, de 12 de novembro de 1906, publicou um interessante artigo intitulado “O Bilhete Postal Ilustrado”, no qual apresenta igualmente esta novidade da cartofilia, acompanhada pelas imagens da máquina capaz de gravar a mensagem e de efetuar a sua leitura. O autor, que assina apenas com as iniciais B. de M., idealiza um diálogo entre uma gentil donzela e a severa guardiã da sua virtude, que, como sempre aconteceu ao longo dos tempos, foi ludibriada, desta vez pelo recurso a tão imaginosa tecnologia.

O postal que aqui apresentamos aos nossos leitores (Figuras 59 e 60) data precisamente da época em que estas novidades tecnológicas foram introduzidas no nosso mercado. A julgar pelo escassíssimo número de exemplares que parece terem chegado aos nossos dias, a aceitação pública deve ter ficado aquém das expectativas, desfecho a que não terá sido alheio o facto de estar vedada a descodificação da mensagem aos destinatários que não investissem na preciosa máquina... Ou talvez, quem saiba, as severas guardiãs da virtude optassem por inutilizar todos os bilhetes-postais ilustrados que passassem ao seu alcance, na incerteza dos descaminhos a que pudessem dar origem. O exemplar que aqui apresentamos terá viajado virgem, uma vez que o remetente escreveu sobre a faixa de gravação, podendo ter sido esse o salvo-conduto que lhe permitiu chegar aos nossos dias...

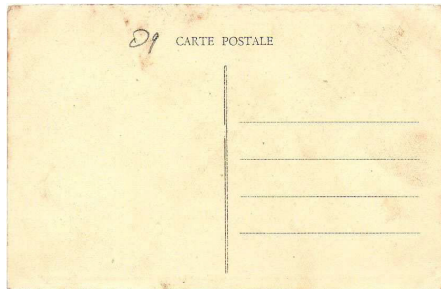


Figuras 59 e 60: Sem legenda. Editor: Phonocartes, 68, boulevard Kellermann, Paris – Tébéhem, La Sonorine, Paris. Verso dividido, circulado em 29-11-1905

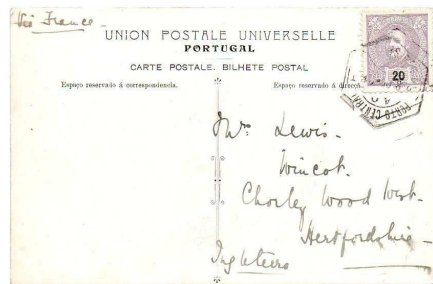
Podemos igualmente incluir neste grupo aqueles postais em que existem pormenores (temas secundários) capazes de atrair colecionadores

que não se interessam pelo tema principal a que eles dizem respeito. A ar-
rumação é ditada por este tema principal, o que dá ocasionalmente origem
a algumas surpresas, mesmo para os colecionadores que se consideram
especialistas nas suas áreas temáticas.

O bilhete-postal ilustrado que aqui apresentamos (Figuras 61 e 62)
terá sido produzido como publicidade aos velocípedes motorizados da Peue-
geot, provavelmente nos anos 20 / 30, e refere-se especificamente a um rai-
de realizado por *Mademoiselle* Donata Vanutelli através de França, Espanha
e Portugal. O interesse particular deste postal reside no facto de represen-
tar a passagem desta *motarde* pela cidade do Porto, mais especificamente
pela Praça da Batalha, vendo-se em fundo a igreja de Santo Ildefonso (teria
provavelmente pernoitado no Hotel Sul-Americano, que pensamos ter-se
situado no local em que ela se encontra). A reduzida tiragem, por se tratar
dum tema muito específico, e o facto de ser provavelmente associado aos
postais sobre transportes, explicam que este bilhete-postal ilustrado seja
praticamente desconhecido pelos colecionadores da temática portuense...



Figuras 61 e 62: Mlle. Donata Vanutelli, à Porto, au cours
de son raid France- Espagne-Portugal sur un vélo-moteur
Peugeot. Editor: Anónimo. Verso dividido, não circulado



Figuras 63 e 64: 185. Vila Nova de Gaia. Editor: Emílio Biel
& C. - Porto. Verso dividido, circulado em 02-08-1905

Para concluirmos os exemplos de curiosidades que poderão levar-nos a gostar de um bilhete-postal ilustrado, escolhemos um caso em que o remetente se deu ao trabalho de inscrever uma mensagem relativamente longa num espaço minúsculo, tornando a leitura não menos difícil do que terá sido a escrita, quando o poderia ter feito de forma desafogada, no espaço que o verso disponibilizava para este efeito (Figuras 63 e 64). Que razões crê o leitor que possam ter levado a tão estranha decisão?

A explicação para este facto reside, julgamos nós, no decreto publicado pela Direcção Geral dos Correios e Telégrafos, a 29 de novembro de 1905, de que nos dá notícia a revista *O Postal*, no seu número 5:

Para conhecimento do público se anuncia que até novo aviso podem permutar-se somente com Alemanha, Áustria, Bélgica, França, Grã-Bretanha, Itália, Rússia, Suíça e Tunísia, bilhetes postais ilustrados, cuja frente é dividida em duas partes iguais, sendo a parte esquerda reservada para a correspondência e a direita para o endereço do destinatário. No verso destes bilhetes não deve escrever-se coisa alguma. A respectiva franquia em selos é de 20 reis. Nota: É interessante assinalar que esta revista – sendo este provavelmente o entendimento comum à época – usa os termos frente e verso de forma oposta ao entendimento actual.

Depois de tão laborioso esforço, podemos imaginar a interjeição soltada pelo remetente, quando se preparou para escrever o endereço do destinatário no verso e verificou que tinha afinal nas mãos um dos novos postais de verso dividido, que terão iniciado a sua circulação nesse mesmo ano de 1905!

TANTO AINDA POR DESCOBRIR...

Por fim, no que respeita às razões que atualmente motivam colecionadores e estudiosos dos bilhetes-postais ilustrados, apresentamos aquela que despertou no autor o interesse pela escrita deste trabalho e por outras iniciativas neste domínio – o facto de subsistirem ainda muitas dúvidas acerca da atividade dos nossos editores de postais, dos fotógrafos que neles publicaram os seus trabalhos, e do modo como este meio de comunicação foi usado no relacionamento social dos portugueses de inícios do século XX e como contribuiu para o seu desenvolvimento. É notável que este desconhecimento se mantenha até aos dias de hoje, a ponto de continuarem sem resposta muitas perguntas, das quais o autor apresenta a seguir alguns exemplos diretamente relacionados com os seus interesses principais:

- Por que razão terá o editor português Arnaldo Soares iniciado a sua longa série de postais pelo número 152? Seria por ter entrado mais tarde num mercado muito competitivo, não querendo parecer mais atrasado do que os seus competidores diretos, cujas séries eram já relativamente extensas quando ele iniciou a sua atividade? Seria por acordo com algum editor estrangeiro com quem estabeleceu parceria para iniciar a publicação das suas séries? (existem bilhetes-postais ilustrados espanhóis com a mesma indicação J.N.B. – cujo significado confessamos igualmente desconhecer – e o mesmo tipo de apresentação, mas com números de série inferiores a 152, como gentilmente nos indicou o Sr. Arlindo Pereira, do Porto).
- Em que ano é que os principais editores portugueses iniciaram a sua atividade? O pedido de registo de marca apresentado por Carlos Pereira Cardoso para as séries Estrela Vermelha data de 1905, mas é bem conhecido que este editor produzia há já alguns anos postais sob a designação de “C. P. Cardoso”. Terá Emílio Biel editado postais ainda em 1899, ou começou com esta sua atividade apenas em 1900? E quando é que Alberto Ferreira, que possuía já uma tabacaria na esquina da Rua de Entreparedes com a Praça da Batalha, se iniciou neste ramo de negócio? (muitos anos depois, este editor envolveu-se numa forte polémica com a Misericórdia de Gaia, que publicou um opúsculo muito pouco abonatório para a sua pessoa)¹¹.
- Quem era o editor de postais fotográficos que se assinava como “Ed. JO.”, que em finais dos anos 1920, início de 1930, produziu tantas e tão magníficas imagens do Porto e de algumas das suas localidades adjacentes? É ainda curioso assinalar que, apesar de ter produzido tantos (estão registados mais de meio milhar) e tão bons postais, o seu aparecimento é relativamente invulgar, surgindo na maior parte dos casos como exemplares não circulados, o que indica que um tão significativo investimento terá dado origem a uma atividade relativamente curta. Terá este editor interrompido a sua atividade em consequência dalgum acidente, terá falecido jovem, terá decidido emigrar?...
- Quantos clubes se terão formado entre nós nos alvares do colecionismo de bilhetes-postais ilustrados e quais terão sido os mais ativos? Desde quando é conhecida a sua formação e até quando é que existe registo dela? A criação destes primeiros clubes é particularmente interessante e a sua atividade é conhecida em muitos países, de forma mais ou menos organizada, proporcionando aos seus membros vantagens que transcendiam a mera troca de postais. Atendendo a isso ainda voltaremos a este assunto, quando adiante considerarmos as razões que motivaram os primeiros colecionadores.

¹¹ *Uma fraude de 105 contos – A Misericórdia de Gaia e o caso Alberto Eduardo Ferreira*, Imprensa Moderna, Porto, 1937, 97 pp.

Se algum benévolo leitor souber e quiser responder a quaisquer destas questões, fique desde já informado do enorme interesse com que o autor destas linhas lerá as informações que lhe sejam enviadas para o endereço de correio eletrónico apresentado no início deste trabalho...

AS RAZÕES DE SEMPRE

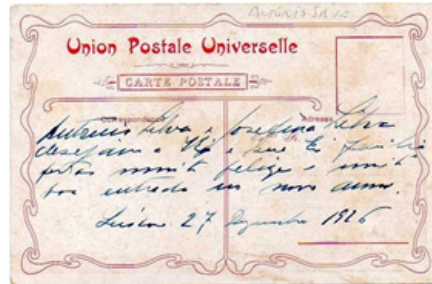
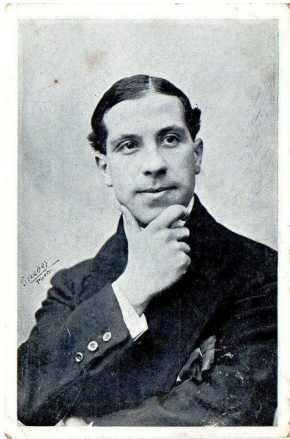
Antes de nos debruçarmos sobre as razões que julgamos terem sido exclusivas dos primeiros colecionadores de bilhetes-postais ilustrados, julgamos apropriado referir aquelas que estiveram presentes desde os primeiros dias e que sobreviveram até à atualidade. É delas que damos conta nesta secção, propondo-as à apreciação dos leitores.

AS CELEBRIDADES

Os bilhetes-postais ilustrados, que representam gente célebre, interessaram aos primeiros cartofilistas, tanto quanto aos de hoje em dia. Em boa verdade, podemos ver este tipo de postais como sucessores diretos das famosas *cartes-de-visite*, fotografias coladas sobre um cartão com as mesmas dimensões dos tradicionais cartões de visita, sendo essa a origem da designação por que ficaram conhecidos. Tendo sido introduzidos pelo fotógrafo francês André Disdéri, as *cartes-de-visite* constituíram uma das principais forças motrizes que impulsionaram o desenvolvimento da indústria fotográfica durante a segunda metade do século XIX. Foram-se tornando gradualmente acessíveis a franjas cada vez mais largas da população e foram também usados para representar vistas de cidades, tendo a venda de imagens de gente famosa, incluindo personagens reais, homens de letras, atores e atrizes, etc., constituído igualmente uma importante fonte de receita para os fotógrafos. Existia por isso já uma longa tradição de interesse pela representação das *socialites*, que não foi desperdiçada pelos editores de bilhetes-postais ilustrados. Os postais deste tipo eram atrativos para alguns colecionadores da época e nunca deixaram de o ser, em particular quando os representados se mantiveram populares ao longo das décadas que nos separam do período em que viveram.

O exemplo que aqui apresentamos (Figuras 65 e 66) diz respeito ao célebre ator António Silva, que fez rir gerações de portugueses em filmes ainda hoje tão famosos como *A Canção de Lisboa*, *O Pátio das Cantigas*, *O Costa do Castelo*, *O Leão da Estrela*, etc. Neste postal, que o representa mais jovem do que a imagem que dele habitualmente guardamos, o ator

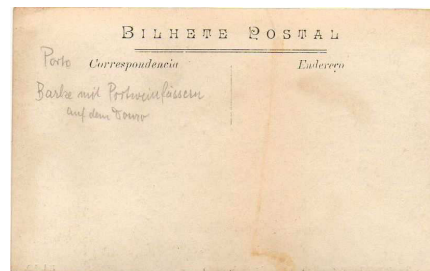
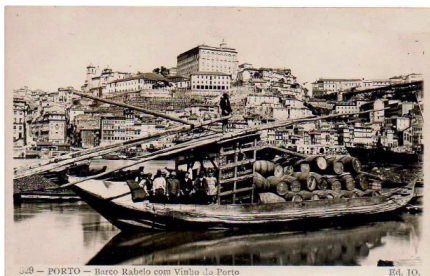
inscreveu a seguinte mensagem: “António Silva e Josefina Silva desejam a V.^a Ex.^a e sua Ex.ma família festas muito felizes e muito boa entrada no novo ano. Lisboa, 27 de Dezembro de 1926”.



Figuras 65 e 66: Sem legenda e sem editor. Verso dividido, apresentando manuscrita a data de 27-12-1926

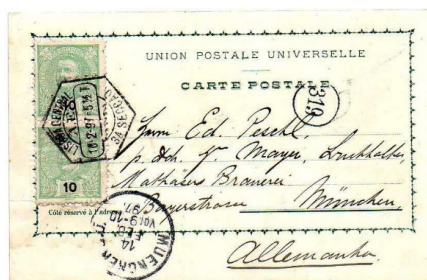
A BELEZA DAS IMAGENS

Outra das razões que atraíram os colecionadores de há 100 anos, tal como atraem os atuais, é a beleza das imagens que ilustram alguns bilhetes-postais ilustrados. Esta razão é particularmente notória nos postais do tipo Gruss, mas encontram-se igualmente postais dos restantes tipos, que se tornam irresistíveis pela mesma razão. Para ilustrar esta afirmação, escolhemos um postal daquele tipo e um postal fotográfico (Figuras 67 e 68).



Figuras 67 e 68: Postal fotográfico com legenda impressa: 329. Porto – Barco Rabelo com Vinho do Porto. Editor: Ed. JO. Verso dividido, não circulado (c. 1930)

O editor que assinava como “Ed. JO.”, como foi já referido no fechar da secção, continua por identificar, pelo menos dentro do limitado grupo de contactos do autor deste trabalho. Esta situação é tanto mais intrigante, quanto sabemos que as séries de postais por ele produzidas representam várias localidades, com relevo para o Porto e Foz do Douro, que ilustrou com mais de 400 clichés, na sua maioria de enorme interesse documental e artístico. A imagem do barco rabelo que aqui apresentamos é um bom exemplo da sua extraordinária qualidade como fotógrafo, numa época em que o *Photoshop* não *aditivava* a realidade. Já existiam postais fotográficos cerca de 30 anos antes deste editor ter iniciado a sua atividade, sendo que alguns dos seus autores deixaram um nome que perdura até aos nossos dias. Os postais da casa Perestrelo, na ilha da Madeira, terão estado entre os primeiros deste tipo, tendo começado a circular ainda antes de 1900. Já no século XX, houve trabalhos de grande qualidade produzidos por fotógrafos como Domingos Alvão e Joaquim Azevedo (que teria uma técnica apurada de fixação das imagens, atendendo à riqueza de tons com que os seus postais chegaram aos nossos dias), no Porto, e José Bárcia, em Lisboa, para referir apenas alguns dos casos mais notáveis. Nos primeiros anos de circulação do bilhete-postal ilustrado em Portugal, no entanto, os postais que mais se distinguiram pela beleza das imagens foram indubitavelmente os do tipo Gruss.



Figuras 69 e 70: Souvenir de Lisbonne – Place du Commerce – Église d’Estella. Editor: C. George, Lisbonne. Verso não dividido, circulado em 10-02-1897

A escolha de um postal capaz de ilustrar a beleza das imagens, dentro do tipo Gruss, é particularmente difícil, não pela escassez de exemplos, mas antes pela razão contrária. Embora existam exceções, os postais deste tipo apresentam-nos geralmente ilustrações de grande qualidade artística,

combinando as cores de forma sempre feliz, produzindo um resultado harmonioso e muito atrativo. O exemplar que aqui apresentamos (Figuras 69 e 70) reúne, no nosso entender, todas estas qualidades, às quais acrescenta uma das mais antigas datas de circulação que se encontram em postais deste tipo. Torna-se ainda interessante pelo facto de nos trazer a memória dum *flirt*, através da seguinte quadra: *Se eu soubesse que voando, / Alcançava o teu amor, / Pedia emprestado, / As asas d'um açor*. O desfecho perdeu-se de forma irrecuperável na voragem do tempo, mas não será arriscado aventar que as hipóteses do galanteador teriam sido maiores, se a sua veia poética estivesse ao nível do bom gosto que evidenciou na escolha deste BPI. O nome da dama permite-nos no entanto supor que desconhecesse o nosso idioma, o que pode ter sido a tábua de salvação que impediu este namoro de naufragar pelo rombo aberto no porão das letras...

MEMORABILIA DE EVENTOS

Os editores ingleses de bilhetes postais nunca perdem a oportunidade de emitir uma colecção de bilhetes de tal forma que todo e qualquer facto distinto pelo sucesso e desejável para o intento, é de uma vez reproduzido em bilhete postal com uma rapidez que faria certamente pôr de pé e esfregar os olhos a um editor americano. (transcrito do *The Globe* na revista *O Postal* de Setembro de 1905)



Figuras 71 e 72: Postal fotográfico com legenda impressa: Porto – Recordação da cheia de dezembro de 1909. Editor: Fotografia Alvão, Santa Catarina 100, Porto. Verso dividido, não circulado

Os bilhetes-postais ilustrados alusivos a eventos que marcaram uma época podem também ter interesse por documentarem transformações históricas ou sociais, casos que já tratámos no capítulo precedente. Há no

entanto *memorabilia* de eventos, na forma de postais, que interessaram aos primeiros colecionadores, tal como continuam a interessar aos colecionadores atuais, independentemente de registarem quaisquer transformações urbanas, históricas, sociais, ou doutro tipo. Mesmo que o façam, o interesse que despertam nos seus proprietários pode advir exclusivamente do evento a que estão ligados. É sobre este tipo de razões que nos debruçaremos nesta secção.

As cheias do Rio Douro foram ao longo dos séculos motivo de fundamentado receio para as povoações ribeirinhas, havendo alguns anos em que a altura atingida pelas águas ficou registada em documentos históricos e na memória local. As que tiveram lugar em dezembro de 1909 ficaram tristemente célebres pelos grandes estragos que causaram e deram origem à emissão de vários conjuntos de bilhetes-postais ilustrados. O exemplar que aqui apresentamos (Figuras 71 e 72) foi produzido pelo fotógrafo Domingos Alvão e pertence a uma série com várias dezenas de clichés, que dão bem ideia do extraordinário caudal do rio e dos prejuízos causados pelo transbordo das águas.

Apesar do pioneirismo que muitos autores reconhecem ao Padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão, no desenho de aeróstatos, a verdade é que a sua experiência de 1709, perante a corte de D. João V, não parece ter tido seguidores que permitam sustentar uma prioridade portuguesa nesse domínio. As principais ascensões aerostáticas realizadas entre nós foram feitas por visitantes estrangeiros, como é o caso de Vincenzo Lunardi em 1794, dos Robertson (pai e filho) em 1819 e dos Poitevin (marido e mulher) em 1857. Os nossos aeronautas mais conhecidos foram sobretudo notícia nos primeiros anos do século XX, facto a que poderá não ser alheia a fama das experiências realizadas pelo brasileiro Alberto Santos Dumont em Paris desde finais da década anterior (a mãe e algumas das suas irmãs viviam na Foz do Douro).

Na memória da aeronáutica portuense¹² ficou tristemente célebre a ascensão do balão Lusitano, que em 21 de novembro de 1903 subiu pela última vez aos céus da Invicta. O *Tripeiro* de 1 de novembro de 1927 recorda esse fatídico evento nos seguintes termos:

O Lusitano, depois de receber na sua pequenina barquinha os três tripulantes — todos do concelho de Vila Nova de Gaia — que muito satisfatoriamente tinham almoçado no restaurante do Palácio, às onze horas e cinquenta

¹² Francisco Guimarães (Guido Severo), A aeronáutica no Porto, *O Tripeiro*, V Série, Ano XIII, setembro de 1957, pp. 151-155.

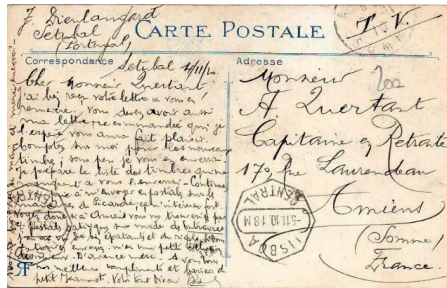
minutos, eleva-se no espaço, atravessa serenamente o pitoresco rio Douro, para algum tempo sobre Gaia, e depois toma a direcção da encantadora praia de Espinho, melhor dizendo, do imenso Oceano Atlântico, para não mais ser visto nesta cidade.

A acompanharem o aeronauta Belchior Fernandes da Fonseca, estavam José António de Almeida e César Marques dos Santos, cujos meios de fortuna o tornaram conhecido em Vilar do Paraíso (Gaia) como o “Menino de Ouro”. O desaparecimento do balão e dos seus tripulantes, de que nunca mais chegou notícia, apesar dos insistentes boatos que durante anos foram surgindo a respeito do seu salvamento, deixou uma marca profunda na memória portuense e inspirou vários bilhetes-postais ilustrados. No exemplar que aqui apresentamos aos leitores (Figuras 73 e 74), o remetente inscreveu a seguinte mensagem: “Porto 3-12-903. Ainda até hoje nada se sabe dos aeronautas! Julgo-os perdidos e sepultados há muito no grande Oceano! Se a Providência fizera o milagre de seu aparecimento!!! Nessa incerteza lá vai este postal de recordação. Lembranças”... Para além do evento a que está ligado, quer pela imagem quer pela mensagem, este postal é interessante por demonstrar a rapidez com que os editores conseguiam colocar no mercado BPI alusivos aos eventos que mais marcavam a opinião pública. Repare-se que o desaparecimento do balão ocorreu a 21 de novembro e que o postal aqui apresentado circulou a 3 de dezembro, o que dá a entender que pouco mais de uma semana depois de ter sucedido esta tragédia, já se encontrava à venda este postal lançado pelo editor Emílio Biel!



Figura 73 e 74: 120. Última ascensão do Lusitano. Editor: Emílio Biel & C. – Porto. Verso não dividido, circulado em 03-12-1903

A escassa diferença entre a data dum evento e a circulação dos primeiros postais que lhe dizem respeito demonstra bem o empreendedorismo dos editores de bilhetes-postais ilustrados e dá ideia da concorrência no seio da classe, para além de constituir um motivo de interesse na apreciação dos bilhetes-postais ilustrados. À distância de tantos anos, é forçoso surpreendermo-nos com o facto de Emílio Biel não ter tido receio de que o Lusitano e os seus tripulantes pudessem ainda reaparecer, em particular se levarmos em conta o tom fatalista da legenda que fez imprimir sob a imagem. Pelas mesmas razões, é interessante assinalar que o postal que aqui apresentamos aos leitores (Figuras 75 e 76), alusivo à proclamação da república, circulou menos de um mês depois da instauração do primeiro governo republicano. As retaliações que poderiam advir da morte prematura do novo regime talvez ajudem no entanto a explicar o anonimato do editor...



Figuras 75 e 76: Proclamação da República Portuguesa – 5-10-1910. Editor: Anónimo. Verso dividido, circulado em 04-11-1910

Para fechar esta secção, apresentamos ao leitor um postal fotográfico alusivo à visita que D. Manuel II realizou ao Porto, com início em 8 de novembro de 1908 (Figuras 77 e 78). Esta visita está amplamente descrita na *Ilustração Portuguesa*, nos seus números compreendidos entre 16 de novembro e 21 de dezembro.



Figuras 77 e 78: Postal fotográfico sem legenda. Editor / fotógrafo: Joaquim Azevedo. Verso dividido, circulado em 21-11-1908. A escrita sobreposta na perpendicular, a julgar pela relativa frequência com que se encontra nos postais da época, deveria causar menos estranheza do que actualmente...

O bilhete-postal ilustrado aqui apresentado pertence ao vasto conjunto de postais e outros documentos iconográficos que retrataram a visita do jovem rei à Invicta. Este exemplar apresenta no entanto duas características que o tornam particularmente interessante – a data, uma vez mais, que mostra que os postais deviam ser publicados logo após (ou mesmo durante) a visita, e a mensagem, que descreve precisamente a passagem de D. Manuel II pelo local retratado no postal:

Minha querida Haydée, (...) Tens visto muitas vezes o rei? Eu vejo-o muitas vezes, temos-lhe atirado sempre flores sem conta e vivas nem se fala. Este postal foi à chegada dele à Rua de Pinto Bessa. [Trata-se na verdade da passagem pelo Jardim de S. Lázaro] Eu acho-o muito parecido e tu? O meu priminho Eduardo estava no outro dia só à janela quando o rei passou. Olhou para casa da titia, não viu ninguém, começou a fazer adeus com a mão ao pequeno e atirou-lhe um beijo. Não fazes ideia como a criança ficou satisfeita! Está tão habituado o rei a que se lhe faça festa, que quando lá passa já vem de longe a dizer adeus. Já viste a rainha? Eu já, mas acho-a muito acabada. (...)

AS PRIMEIRAS RAZÕES

O bilhete postal ilustrado que é hoje o sport intelectual mais desenvolvido entre todas as classes sociais – sem distinção – de todos os povos civilizados, tem ultrapassado, tanto artística, como tecnicamente, nos últimos tempos,

tudo quanto a imaginação humana podia criar de mais fantástico e de mais belo (*O Postal*, agosto de 1905¹³).

Encerraremos a consideração das razões que nos levam a gostar de bilhetes-postais ilustrados, olhando para aquelas que terão motivado os primeiros colecionadores. Referimo-nos às que os motivaram *apenas a eles*, uma vez que algumas das que foram já discutidas, também lhes foram comuns.

UM RETRATO DO MUNDO

Para as novas gerações, que nascem no mundo do Flickr e do Google Street View, é difícil compreender os obstáculos que limitavam o conhecimento do mundo, no tempo dos nossos antepassados de há 100 anos. Não havendo televisão e muito menos internet, e sendo os álbuns com vistas fotográficas acessíveis apenas à burguesia abastada, o aparecimento dos bilhetes-postais ilustrados, que colocavam ao alcance de todos as vistas das cidades mais famosas, e mesmo de regiões remotas e exóticas, produziu um grande fascínio. É certo que os postais não foram totalmente inovadores a esse respeito, uma vez que antes deles existiam já as fotografias *carte-de-visite* e as vistas estereoscópicas, que eram os “parentes pobres” dos álbuns e das imagens fotográficas em grande formato. Foram inovadores, no entanto, a respeito dum fator de importância fundamental – o seu baixo preço tornou-os acessíveis a um número muito maior de bolsas.

A vontade de conhecer o mundo, que é de todos os tempos e de todas as idades, podia facilmente ser satisfeita através da troca de postais, bastando escolher correspondentes nos locais pretendidos. Apesar de não faltarem à época livros de viagens ilustrados e de as revistas incluírem frequentemente imagens dos mais variados locais, os bilhetes-postais ilustrados permitiam a cada um criar um retrato personalizado do mundo, construído à medida das suas preferências e convenientemente limitado ao espaço dos álbuns que se vendiam para acondicionar as coleções.

AS PRIMEIRAS REDES SOCIAIS

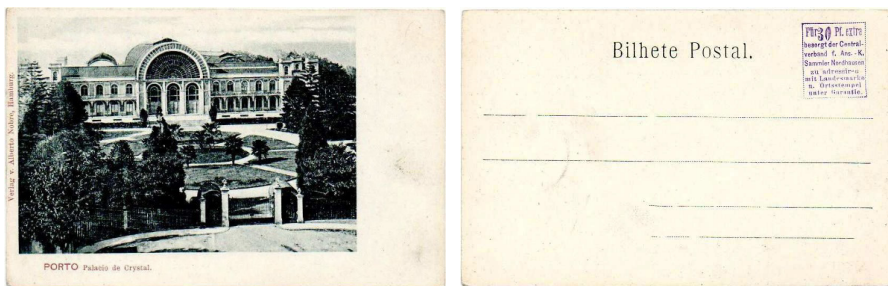
Jorge das Neves Larcher, Leiria, Portugal, échange cartes-postales illustrées, timbre côté vue, avec tous pays. (*O Postal*, setembro de 1905¹⁴)

¹³ *O Postal* – Revista mensal dos colecionadores portugueses de Bilhetes Postais Ilustrados, Rua de Fernandes Tomás 40, Coimbra (junho 1905, folha espécimen, a n.os 8 e 9, fevereiro e março de 1906).

¹⁴ *O Postal* – Revista mensal dos colecionadores portugueses de Bilhetes Postais Ilustrados, Rua de Fernandes Tomás 40, Coimbra (junho 1905, folha espécimen, a n.os 8 e 9, fevereiro e março de 1906).

Para além deste aspeto, os bilhetes-postais ilustrados acrescentaram às *cartes-de-visite* e às estereoscopias uma novidade fundamental, que estava de todo ausente nas alternativas anteriores – o facto de constituírem o elo de união entre um *remetente* e um *destinatário*. Este facto conferia uma dimensão humana ao ato de colecionar postais, tornando-o muito mais aliciante do que as frias coleções de vistas fotográficas, que eram *compradas* pelos próprios e não *recebidas* dum correspondente. Esse contacto humano, nas mais das vezes com pessoas de quem pouco ou nada se sabia, devia ser aliciante numa época em que os relacionamentos sociais estavam muito espartilhados pelas regras da etiqueta. Deve ter sido não poucas vezes também um motivo de preocupação, pelas mesmas razões que os pais da atualidade olham com reserva para os contactos que os jovens estabelecem na selva do ciberespaço. À época, no entanto, não eram apenas os jovens a engrossar as listas de colecionadores que propunham a troca de postais...

A criação de clubes de colecionadores pode perfeitamente ser vista como um antecedente do Facebook e de outras redes sociais dos nossos dias. Julgamos que neste domínio há ainda muito por estudar, em particular no que diz respeito à caracterização desses clubes e à sua importância na dinamização das trocas culturais, como precursores do esbatimento de fronteiras que a Internet veio finalmente consumir.



Figuras 79 e 80: Porto – Palácio de Cristal. Editor: Verlag v. Alberto Nobre, Hamburg. Verso não dividido, não circulado

O carimbo que vemos no verso do bilhete-postal ilustrado a seguir apresentado diz respeito a um clube de colecionadores que, de acordo com um artigo sobre as primeiras sociedades de colecionadores de

bilhetes-postais ilustrados, publicado na revista *The Postcard Album* n.º 15¹⁵, se fundiu em 1903 com outro clube de Hamburgo. Este “Zentralverband für Ansichtskartensammler”, da cidade de Nordhausen, prometia aos seus membros, pelo custo adicional de 30 Pfening, o envio de um bilhete-postal ilustrado com um selo e carimbo do local nele ilustrado (que estaria com certeza limitado aos locais onde este clube tivesse sócios).

É particularmente interessante que este carimbo surja sobre um postal produzido por um editor português que residia em Hamburgo, Alberto Nobre, que julgamos ser o irmão de António Nobre, a que se encontra ocasionalmente referência na correspondência do poeta. Por informação recebida do arquivo estadual de Hamburgo, fomos informados de que a primeira entrada a seu respeito, encontrada no diretório daquela cidade, surge em 1900 na forma Nobre, Alberto – Import, Export und Commiss., Kaiser Wilhelmstr. 34; Wohn.: Schlüterstr. 52 (o primeiro endereço refere-se à firma e o segundo à residência).

O conjunto de vistas que Alberto Nobre produziu é interessante e confere-lhe um lugar de destaque entre os editores nacionais, não pela quantidade, que julgamos não ter ultrapassado as poucas dezenas de títulos (conhecemos bilhetes-postais ilustrados referentes à zona do Porto e ao Funchal), mas antes pela época em que esteve ativo. Conhecem-se exemplares circulados desde 1899 (apesar de aparentemente não existir registo da sua atividade antes de 1900), o que o coloca, em conjunto com Albert Aust, outro editor de Hamburgo, entre os primeiros editores que produziram postais deste tipo referentes à cidade do Porto.

A CARTOMANIA

Dizem-me também que em Portugal se gasta já perto de um milhão de bilhetes deste género, feitos com as nossas ruas, as nossas praças, com os retratos dos nossos homens célebres, com os recantos pitorescos das nossas aldeolas, com os costumes graciosos das nossas províncias, com as ruínas das nossas torres seculares, das nossas igrejas vetustíssimas, dos nossos solares onde tantas coisas belas se passaram. (B. de M. *Ilustração Portuguesa*, 12 de novembro de 1906)

A cartomania, como hábito coletivo de colecionismo de bilhetes-postais ilustrados, nos termos em que era praticada há um século, não

¹⁵ *The Postcard Album* (sítio Web associado à revista com o mesmo nome). Retirado de <http://www.tpa-project.info/>

existe ou é residual nos dias de hoje. Por outras palavras, quem atualmente coleciona bilhetes-postais ilustrados não o faz nos mesmos termos em que esta atividade era praticada nos primeiros tempos. Existiam regras de etiqueta, que incluíam, por exemplo, o local de colocação do selo (no lado da vista ou no lado do endereço). Chegou mesmo a existir um código de comunicação baseado na forma como era colado o selo, que não terá possivelmente tido muitos praticantes. Sem conhecermos a chave e – mais importante – sem sabermos se o selo teria sido colado de forma a querer dizer alguma coisa, torna-se-nos hoje impossível descodificar as intenções dessas trocas, partindo do princípio de que identificaríamos os postais em que elas eram feitas... Os protocolos e outras regras que as antigas revistas de colecionadores da época divulgaram, incluindo a formação de listas de membros com má fama por não responderem aos pedidos de troca, dão-nos ideia do mundo da cartomania nos inícios do século XX e da importância que teria uma resposta atempada e conforme com os desejos dos correspondentes. A revista *O Postal*, publicada em 1905, propõe mesmo métodos para organizar as coleções, guardar a informação sobre os postais trocados, etc. Uma boa organização era com certeza fundamental para os grandes colecionadores, que tinham muitos correspondentes. Por outro lado, o tempo necessário para escrever endereços e mensagens poderia ser nesses casos apreciável. A julgar pelo número de exemplares em que isso é ainda visível, muitos deles adotaram o uso de carimbos, que tornavam mais expedita a gestão da correspondência, para além de eliminarem os problemas de leitura devidos à arresada caligrafia da época, que deviam dar origem a não poucos erros nos endereços, conseqüente extravio, má fama para os serviços postais (tema que é aliás recorrente nas revistas da especialidade), frustração dos colecionadores e, eventualmente, algumas entradas injustas nas listas de membros com má reputação na praça.



Figuras 81 e 82: 61. Cidade do Porto. Editor: Emílio Biel & C. – Porto. Verso não dividido, circulado em 27-02-1903

O primeiro exemplo que aqui apresentamos (Figuras 81 e 82) para ilustrar as práticas dos grandes colecionadores mostra uma bela vista da zona ribeirinha do Porto, mas tem interesse por vários outros motivos, que o leitor pode começar por tentar identificar, antes de ler os próximos períodos. A paixão pelos bilhetes-postais ilustrados encontra também expressão nesta capacidade de ler um conjunto de sinais que nos são oferecidos ao olhar, mas que permanecem invisíveis à vista dos leigos. Em primeiro lugar, trata-se neste caso de um bilhete-postal ilustrado enviado e assinado pelo célebre Joshua Benoliel, que poderemos considerar o primeiro repórter fotográfico português. A fama que granjeou como fotógrafo da *Ilustração Portuguesa* é bem merecida e o resultado do seu trabalho constitui um repositório iconográfico fundamental para o conhecimento da sociedade portuguesa da época. A paixão pela fotografia não era a única que animava Benoliel, que deve ter sido um fervoroso praticante da cartomania e um bibliófilo notável – o *Diário da Noite* de 27 de março de 1939 anunciou o leilão da sua biblioteca numa notícia com o título “Benoliel! Os seus livros vendem-se esta noite: Morre pela segunda vez o ‘Rei dos Fotógrafos’” (13, vol. 2, s.p.). Repare-se que Benoliel dispunha de um carimbo com o seu nome e outro que convertia a designação de “Bilhetes Postal” para “Impresso”, de forma a permitir uma taxa de circulação reduzida. O bilhete-postal ilustrado aqui apresentado inclui um número invulgar de selos, colados no lado da vista, correspondendo estas particularidades com toda a certeza às preferências deste seu correspondente. Repare-se ainda na indicação manuscrita “selo verso”, aposta sobre o local em que o selo devia normalmente ser colocado, para facilitar o trabalho dos funcionários dos correios que carimbavam a correspondência (e que não deviam achar piada a esta diversidade de preferências sobre o local em que ele era colado). Repare-se por fim no “N.º 3” escrito no canto superior direito do lado da vista, com certeza a indicar que se tratava do terceiro postal enviado por Benoliel para este seu correspondente (a colocação do número permitia ao destinatário saber se teria havido extravio de algum exemplar, partindo do princípio de que não se fazia trapaça na numeração). Se o leitor realizou o exercício proposto no início do parágrafo, pode agora comparar os sinais que tinha identificado com os que aqui foram referidos e atribuir uma nota ao primeiro exame a que foi sujeito, no seguimento deste *crash course* sobre a apreciação de bilhetes-postais ilustrados...



Figuras 83 e 84: 64. Palácio de Cristal. Editor: Emílio Biel & C. – Porto. Verso não dividido, circulado em 11-11-1901

Mesmo a concluir a apresentação dos bilhetes-postais ilustrados que foram seleccionados para acompanhar este trabalho, propomos ao leitor um segundo desafio, que o possa redimir do eventual desaire obtido no exame anterior. Analise pois este postal (Figuras 83 e 84), que ilustra o Palácio de Cristal portuense e diga-nos o que é que identifica de interessante nele. Já está? Vejamos então. Reparou que se trata da mesma imagem usada no postal que o pai do Harry lhe enviou, a contar que aí tinha encontrado um galo com três patas? Ambos os bilhetes-postais ilustrados foram produzidos por Emílio Biel e é interessante assinalar que os postais deste editor apresentavam inicialmente ilustrações de pequeno tamanho, na forma de vinhetas, de maneira a libertar espaço para a escrita da mensagem. A dificuldade de visualizar essas imagens (e porventura também um limite de palavras manuscritas imposto aos materiais que circulavam com a franquia de “Impressos”) levou rapidamente ao aumento do espaço que lhes era atribuído. O postal em que W. Flower mostrava ao seu amigo Bert a prisão onde ameaçava vir um dia a encontrá-lo inclui-se já no novo formato que anteriormente apresentámos. Não passou muito tempo, porém, até entrar em vigor a norma do verso dividido, que permitiu o uso de imagens a cobrir a quase totalidade do lado da vista e deixou à beira dum ataque de nervos aquele remetente que escreveu uma longa mensagem em letra de tamanho 5, antes de virar o postal e ver que tinha afinal disponível um generoso espaço para a correspondência. E terá o leitor reparado que a imagem que vemos no bilhete-postal ilustrado aqui apresentado é exatamente a mesma que foi usada por Alberto Nobre no postal que ostenta o carimbo do clube de colecionadores alemão? Esta partilha de clichés era frequente entre os editores da época, embora duvidemos que ocorresse sempre de comum acordo. Terá até eventualmente dado origem a algumas disputas, que poderão ajudar a compreender porque é que certos postais

são particularmente raros. Como trabalho para casa, fica o leitor incumbido de encontrar um exemplar do raríssimo postal n.º 168 do editor Arnaldo Soares e avaliar se não estaremos perante um exemplo concreto do que acabámos de afirmar. *Last but not least*, o leitor poderá ter reparado que o bilhete-postal ilustrado com que fechamos este trabalho poderia também ter sido incluído na secção das “Curiosidades” – é que o remetente, que a julgar pelo facto de possuir carimbo devia ser do tipo *pro*, conseguia fazer o pleno dos nomes, ao apresentar o singular apelido de Formigal, tendo escolhido residência na Travessa da Formiga!

CONCLUSÃO

Sorte do colecionador, sorte do particular! Nunca ninguém procurou menos por detrás de alguém, e ninguém se sentiu tão bem nesse papel como aquele que pôde continuar a sua existência desacreditada atrás da máscara de Sptizweg¹⁶. Na verdade, no seu interior alojaram-se espíritos, pelo menos geniozinhos que levam a que, para o colecionador – falo do autêntico, do colecionador como deve ser –, a posse seja a mais profunda forma de relação que pode ter com as coisas: não por elas estarem vivas nele, mas porque é ele mesmo quem vive nelas. (Benjamin, 2004)

Este trabalho apresentou uma perspetiva possível sobre as razões que nos levam a gostar de bilhetes-postais ilustrados e que explicam a popularidade deste tipo de coleções, desde os primeiros anos, há mais de um século, até à atualidade. Vimos que as razões da cartomania de 1900 eram substancialmente diferentes das que motivam o colecionismo de postais nos dias de hoje. Poderíamos, pois, perguntar, se terá havido algum momento específico em que as primeiras razões cederam o lugar às atuais, ou se essa mudança se foi processando gradualmente, ao longo das décadas. Julgamos que foi esta pergunta, conjugada com outras, que deu origem ao projeto de investigação que a Universidade do Minho vem desenvolvendo há anos sobre postais ilustrados¹⁷.

¹⁶ Pintor e poeta alemão, autor do célebre quadro *The Bookworm* (retirado de http://en.wikipedia.org/wiki/The_Bookworm), que representa um colecionador de livros na sua biblioteca.

¹⁷ O projeto a que nos referimos chama-se “The Illustrated Postcards. Towards a socio-semiotics of Image and Imaginarium”. Foi financiado pela FCT e tem sido desenvolvido pelo Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS), da Universidade do Minho. Retirado de <http://postaisilustrados.blogspot.com/>. Entre as suas principais publicações, destacamos os seguintes artigos: Martins, Pires & Oliveira (2008), “Dos postais ilustrados aos posts nos weblogues: para uma sócio-semiótica da imagem e do imaginário” (In Martins & Pinto (Eds.); Martins, Oliveira & Correia, (2011), “Les images

A apropriação dos bilhetes-postais ilustrados pelos portugueses, a partir de 1900, como um instrumento de interação, tanto com conhecidos como com desconhecidos, poderia talvez fazer-se, comparando os seus efeitos com aqueles que produzem outros recursos semelhantes, usados por gerações posteriores – as redes de correspondência com *penpals* espalhados pelo mundo, tão frequentes durante o juventude do autor, e mesmo com as redes sociais que tanto atraem os jovens dos nossos dias. O Twitter, curiosamente, constitui quase um retorno a esses tempos, no que respeita à regra que limita a extensão da mensagem...

Regressemos, no entanto, à questão com que abrimos esta última secção, para propormos ao leitor uma resposta possível. Estamos em crer que as razões que explicam o colecionismo de bilhetes-postais ilustrados evoluíram de forma algo irregular e que terá de facto existido um ponto de viragem, coincidente com a II Guerra Mundial. Aos primeiros anos do século, em que a cartomania viveu os seus anos de ouro, sucedeu-se um declínio, à medida que outros divertimentos mais estimulantes foram tomando conta da sociedade. O aparecimento da rádio e da televisão veio oferecer alternativas poderosas a algumas das razões que invocámos para o primeiro período. A turbulência e destruição, que se apoderaram do mundo durante a II Guerra Mundial, terão despertado uma vaga de saudosismo que relançou o interesse pelos bilhetes-postais ilustrados, como um registo iconográfico facilmente acessível, capaz de preservar a memória coletiva, que por essa época atravessava um momento de profundas transformações.

A leitura duma publicação como *O Tripeiro*, que surgiu em 1908 e continua ainda hoje a ser publicada (embora tenha sofrido algumas interrupções), parece confirmar que as razões que aqui apresentámos como atuais, para gostarmos de bilhetes-postais ilustrados, aparecem no final dos anos 1940/ princípios de 1950. Ao longo das páginas desta revista, surge com alguma frequência, a partir desta época, o nome de Edgar Augustus Ennor, que muito se interessava pela história do Porto e que podemos identificar como um dos primeiros colecionadores “modernos” de bilhetes-postais ilustrados. Os postais de Edgar Ennor encontram-se com frequência nas páginas da revista durante a década de 60, para ilustrar aspetos do Porto, no início desse século. Nos anos 70, aumentou significativamente o número de colecionadores, que gostavam dos bilhetes-postais ilustrados

numériques s’imaginent l’archaïque: mettre en perspective les cartes postales”; Martins, Oliveira, & Correia. (2013), “La carte postale et la représentation des espaces public et intime”; Martins, Oliveira & Bandeira (2011), “O ‘mundo português’ da Exposição de 1940 em postais ilustrados. O global numa visão lusocêntrica”. E assinalamos, sobretudo, os dois livros: Martins & Correia (Eds.) (2014), *Do Post ao Postal*; e Martins & Oliveira (Eds.) (2011), *Portugal Ilustrado em Postais – Viana do Castelo, Braga, Bragança, Viseu e Portalegre*.

pelas razões que considerámos atuais. Nessa década e na seguinte, o custo ainda relativamente baixo dos postais antigos permitiu a formação de algumas das principais coleções hoje existentes e o aparecimento das primeiras obras portuguesas sobre a “cartofilia moderna” (Gruner, 1980). O aumento da procura, associado ao decréscimo da oferta, levou, por sua vez, a um aumento exagerado dos preços, durante os anos 90, que voltaram a decair nos primeiros anos deste novo século, quer por efeito das crises económicas, quer pela compra e venda direta, através dos leilões da Internet. O eBay, em particular, ao proporcionar um acesso mais fácil aos bilhetes-postais ilustrados, que se encontram na posse de comerciantes e particulares estrangeiros, contribuiu para ajustar (reduzir) os preços à nova realidade, ditada por um maior equilíbrio entre a oferta e a procura.

Vale a pena assinalar, a concluir este trabalho, que a influência da Internet no colecionismo de bilhetes-postais ilustrados não se restringe ao ajuste de preços através do eBay e de outros leilões *online*. A facilidade com que se formam coletividades nos mais variados domínios permitiu o aparecimento do movimento Postcrossing¹⁸, que está no centro duma rede de troca de bilhetes-postais ilustrados tradicionais¹⁹. Com perto de 200.000 membros, em 2012, distribuídos por mais de 200 países, o Postcrossing conseguiu a proeza de relançar a cartomania em termos semelhantes aos que motivaram a primeira onda de colecionadores! Particularmente interessante, dada a dimensão já atingida por este movimento, é o facto de ter sido fundado e ser mantido por Paulo Magalhães, um “português nómada” (como o próprio se intitula) da cidade de Braga! Por uma vez, Portugal teve uma palavra a dizer, à escala global no mundo da cartofilia... No que diz respeito especificamente aos tipos de bilhetes-postais ilustrados, que constituíram o enfoque deste trabalho, encontram-se igualmente na Internet muitas fontes de informação, desde sítios, que reportam o progresso e os resultados de projetos de investigação, que começam a merecer o interesse da comunidade académica²⁰, até sítios destinados a catalogar e divulgar a produção dos nossos primeiros editores²¹.

¹⁸ Retirado de: <http://www.postcrossing.com/>

¹⁹ Postcrossing: The Postcard Crossing Project. Retirado de: <http://www.postcrossing.com/>

²⁰ “The Illustrated Postcards. Towards a socio-semiotics of Image and Imaginarium”, projeto financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia e desenvolvido pelo Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho. Retirado de <http://postaisilustrados.blogspot.com/>

²¹ Pró-Associação Portuguesa de Cartofilia, BPI Portugueses (sobretudo Porto e Norte de Portugal, c. 1894-1950). Retirado de <http://paginas.fe.up.pt/~jmf/apc/>.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- B. de M. (1906, 12 de novembro). O Bilhete Postal Ilustrado. *Ilustração Portuguesa*, 38, 462-467.
- Benjamin, W. (2004). Desempacotando a minha biblioteca: Uma palestra sobre o colecionador. In *Imagens de Pensamento* (pp. 207-215). Lisboa: Assírio e Alvim.
- Borges, J. P. de A. (1984). *Joshua Benoliel: O Rei dos Fotógrafos*. Dissertação de Mestrado em História da Arte, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Campos Ribeiro, A. (1968, setembro). O Túnel da Estação de S. Bento. *O Tripeiro*, 9, 281-284.
- Gruner, K. W. (1980). *Postais Antigos Portugueses*. Edição do autor.
- Henriques-Mateus (2009). Portugal na Aventura de Voar, 1: De Gusmão ao ocaso dos balões esféricos (1709-1915), 2: Precusores e aviadores (1909-2009) (2 volumes). *Público*.
- Herzinger, K. A. (1996). Collector. *Mississippi Review*, 20(10). Retirado de <http://www.mississippireview.com/1996/herz-col.html>
- Maia, F. P. S. & Monteiro, I. B. C. (1992, junho). Algumas notas sobre a demolição da igreja de S. Bento da Ave-Maria. *O Tripeiro*, 6, 162-166.
- Martins, M. L. & Correia, M. L. (Eds.) (2014). *Do Post ao Postal*. Famalicão: Húmus. Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/35295>
- Martins, M. L. & Oliveira, M. (Eds.) (2011). *Portugal Ilustrado em Postais – Viana do Castelo, Braga, Bragança, Viseu e Portalegre*. Braga: CECS. Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/36492>
- Martins, M. L., Oliveira, M. & Bandeira, M. (2011). O “mundo português” da Exposição de 1940 em postais ilustrados. O global numa visão lusocêntrica. *Revista de Comunicação e Linguagens*, 42, 265-278. Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/24149>
- Martins, M. L., Oliveira, M. & Correia, M. L. (2013). La carte postale et la représentation des espaces public et intime. *Degrés - Revue de Synthèse à Orientation Semiologique*, 156-157, 1-18. Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/41140>
- Martins, M. L., Oliveira, M. & Correia, M. L. (2011). Les images numériques s’imaginent l’archaïque: mettre en perspective les cartes postales. *Sociétés*, 111, 163- 177. Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/23808>

- Martins, M. L., Pires, H. & Oliveira, M. (2008). Dos postais ilustrados aos posts nos weblogues: para uma sócio-semiótica da imagem e do imaginário. In M. L. Martins & M. Pinto (Eds.), *Comunicação e Cidadania. Actas do 5º Congresso da SOPCOM* (pp. 2959-2969). Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/9611>
- Monteiro de Andrade (1962, março/junho). O Convento de Ave-Maria de S. Bento e a Estação Central de Caminhos de Ferro do Porto. *Boletim Cultural do Porto*, XXV, 169-176.
- Putnam, W. L. (2001). *The Kaiser's merchant ships in World War I*. Carolina do Norte: McFarland & Company.
- s.a. (1909, 25 de outubro). A primeira experiência de aviação em Lisboa. *Ilustração Portuguesa*, 8(192), 542-543.
- Sousa, V. de & Jacob, N. (1985). *Portugal no 1.º Quartel do Séc. XX documentado pelo Bilhete Postal Ilustrado*. Bragança: Câmara Municipal de Bragança.

REFERÊNCIAS ELETRÓNICAS

- Blogue do projeto “Os Postais Ilustrados: para uma sócio-semiótica da imagem e do imaginário”, projeto financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia e desenvolvido pelo Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho. Retirado de <http://postaisilustrados.blogspot.com/>.
- Postal a Postal, repositório de postais ilustrados, por região abrangida pelo Projeto “Postais Ilustrados. Para uma sócio-semiótica da imagem e do imaginário” (Braga, Viana do Castelo, Viseu, Bragança e Portalegre). Retirado de <http://www.postaisilustrados.uminho.pt/>

OUTRA REFERÊNCIA

- O Postal – Revista mensal dos colecionadores portugueses de Bilhetes Postais Ilustrados*, Rua de Fernandes Tomás 40, Coimbra (junho 1905, folha espécimen, a n.os 8 e 9, fevereiro e março de 1906).

Citação:

- Ferreira, J. M. M. (2017). Porque gostamos de bilhetes-postais ilustrados? In M. L. Martins (Ed.), *Os postais ilustrados na vida da comunidade* (pp. 149-208). Braga: CECS.